



O Céu e O Inferno

O que Realmente
Ensina a Bíblia?

O Céu e O Inferno

O que Realmente
Ensina a Bíblia?

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.

É um serviço educacional de interesse público, publicada pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*.

© 2013 Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*
Todos os direitos reservados. Impresso nos EUA
*As Escrituras aqui citadas, salvo referido em contrário,
são extraídas da versão da Bíblia de
João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.*

Índice

3 Introdução

6 A Verdade Bíblica sobre a Alma Imortal

11 O Espírito no Homem

12 Alguma passagem da Bíblia ensina que temos uma alma imortal?

14 Jesus Cristo e os Escritores Bíblicos Comparam a Morte ao Sono

16 A História do Ensino da Alma Imortal

17 Será Que Um Deus Amoroso Puniria as Pessoas Para Sempre no Inferno?

27 O Tormento dos Ímpios Durará para Sempre?

28 A Bíblia Menciona um Fogo do Inferno que Dura para Sempre?

30 Lázaro e o Homem Rico: Uma Prova Acerca do Céu e do Inferno?

33 Algumas Pessoas Serão Torturadas para Sempre em um Lago de Fogo?

34 O Céu é a Recompensa de Deus para os Justos?

40 Antiga Crença Pagã Sobre o Paraíso

41 O Desejo de Paulo de “Partir e Estar com Cristo”

43 Enoque Foi Levado Para o Céu?

44 Existem Seres Humanos Salvos no Céu?

46 O Ladrão na Cruz

49 Elias Foi Para o Céu?

52 Ressurreição: A Promessa de Deus de Vida Após a Morte

58 Seu Maravilhoso Futuro

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC).

Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referida com as seguintes abreviações:

ARA – Almeida Revista e Atualizada

ACF – Almeida Corrigida Fiel

BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje

NVI – Nova Versão Internacional

Introdução

A maioria das religiões e organizações religiosas, inclusive a maior parte das denominações cristãs, ensinam que as pessoas boas quando morrem vão para um tipo de paraíso, algum lugar no céu, que é geralmente descrito como um lugar de incomparável felicidade—o paraíso perfeito. Este é o ensinamento comum e as pessoas acreditam que uma vez lá, serão felizes para sempre.

Contudo, apesar de ser considerado um lugar tão maravilhoso como se ensina, ninguém tem pressa de ir para lá.

A crença comum na morte como a porta de entrada para o céu não muda o fato de que a maioria das pessoas vê a morte como algo a ser evitado a todo custo. Através da medicina fazemos de tudo para adiar a morte o máximo possível.



O Céu é tipicamente caracterizado como um lugar de insuportável felicidade, o paraíso final. Este é o ensinamento comum e as pessoas acreditam que uma vez no Céu, serão felizes para sempre.

Se as pessoas pudessem viajar imediatamente para a vida eterna no céu, por meio de algum expresso celeste, será que alguém iria querer comprar um bilhete nele?

Não é verdade que a maioria das pessoas prefere continuar a sua atual vida aqui na terra? A possibilidade de ir morar imediatamente no céu não parece ser tão atraente. Nossas ações indicam que é isso o que a maioria de nós pensa.

O que vamos ficar fazendo na eternidade?

Talvez a razão da relutância em passar para a outra vida, depois da morte, seja o fato de que ainda ninguém demonstrou de modo convincente o que farão as pessoas justas quando chegarem ao céu. Se realmente vamos ficar lá o resto da eternidade; não é de se estranhar que Deus não tenha nos informado, na Bíblia, o que nos aguarda no céu? Passaremos todo o nosso tempo tocando harpa? Ficaremos ali sentados, simplesmente contemplando a Deus? Estes são dois conceitos populares acerca do céu, mas a maioria das

peças não conseguem nem sequer imaginar fazer isso por toda a eternidade. Afinal, a eternidade é muito tempo!

Talvez devêssemos nos fazer uma simples pergunta: Será que esses conceitos comuns vêm mesmo da Bíblia?

Muitas pessoas, que esperam ir para o céu, admitem que encontram pouca coisa nas Escrituras acerca do que podem esperar quando chegarem lá. O historiador e autor Britânico, Paul Johnson descreve assim a questão: “O céu . . . carece de uma motivação real. De fato, não há nenhum tipo de definição



para ele. É o grande vazio da Teologia” (*Em Busca de Deus [The Quest for God]*, 1996, p. 173). Se o céu é o objetivo que Deus tem para os Seus servos, por que Ele revelou tão pouco acerca disso na Sua Palavra?

Há uma simples razão para este vazio nas Escrituras sobre o que ‘os salvos’—aqueles que, de alguma forma, serão poupados da punição eterna—farão no céu. *A Bíblia não diz que os justos receberão o céu como recompensa.* Como veremos, a

A crença comum na morte como a porta de entrada para o Céu não muda o fato de que a maioria das pessoas vê a morte como algo a ser evitado a todo custo. Através da medicina fazemos de tudo para adiar a morte o máximo possível.

Bíblia revela que Deus tem um propósito diferente em mente—algo incomparavelmente melhor e superior a tudo o que as pessoas possam conceber como sendo o céu.

Questões difíceis sobre o inferno

O céu, porém, não é o único problema quando consideramos as opiniões populares sobre o tema da vida após a morte. E quanto aos ímpios—aqueles que, segundo o conceito comum em diferentes Igrejas, não fazem parte do grupo dos ‘salvos’? O que acontecerá com *eles*?

Muitos cristãos professos acreditam que estes ímpios vão queimar para sempre no ‘fogo do inferno’. Eles dizem que é isso que ensina a Bíblia.

Mas, quanto a isso, precisamos postular uma simples questão: Será que um Deus misericordioso infligiria tão grande dor e tormento a seres huma-

nos, por milhões e milhões de anos—por toda a eternidade? O grande Deus, Criador do universo, seria tão insensível e indiferente?

A Bíblia realmente diz que Deus “tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo” (Atos 17:31). Naquele tempo, aqueles que aceitarem Cristo como Seu salvador, receberão a vida eterna; porque “em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4:12).

Mas o que vai acontecer, naquele dia, com as pessoas que nunca tiveram a oportunidade de ouvir falar do nome dEle? Eles serão lançados, aos berros, no inferno juntamente com aqueles que intencionalmente odiaram e desprezaram a Deus?

As pessoas que se declaram cristãs são minoria na população da Terra. Cerca de um terço da população mundial. Porém, a esmagadora maioria nunca teve a oportunidade de se arrependerem sinceramente e aceitar a Cristo, provavel-



Precisamos encarar estas questões direta e honestamente. Já não é tempo de examinarmos a verdade bíblica a respeito desse tema tão importante do Céu e do Inferno?

mente por causa do lugar *onde* vivem. Milhões de seres humanos, através dos séculos, da mesma maneira nunca tiveram essa oportunidade por causa da época em que viveram. Seria correto e justo da parte de Deus sujeitá-los ao mesmo castigo que reservado para aqueles que O rejeitam e se tornam Seus inimigos?

Estas perguntas não são triviais nem hipotéticas. Pois, afetam a maioria das pessoas que já viveu algum dia. Quando analisadas, as respostas tradicionais têm sérias implicações acerca do caráter, da natureza e do julgamento do próprio Ser que os cristãos dizem adorar.

Precisamos encarar estas questões direta e honestamente. Já não é tempo de examinarmos a verdade bíblica a respeito desse tema tão importante do céu e do inferno?

Venha conosco nesta jornada através das páginas da história e da sua Bíblia para explorar esse assunto. Sem dúvida, você encontrará respostas surpreendentes!

A Verdade Bíblica sobre a Alma Imortal

As crenças tradicionais sobre o céu e o inferno se baseiam essencialmente em um ensinamento—que todo mundo tem uma alma imortal que deve ir para algum lugar quando termina a vida física.

Esta crença não se limita ao cristianismo tradicional. “Todas as religiões afirmam que existe um componente no ser humano que continua vivendo depois do fim da vida física” (*A Escritura Mundial: Uma Antologia Comparativa dos Textos Sagrados* [World Scripture: A Comparative Anthology of Sacred Texts], Andrew Wilson, editor, 1995, p. 225). Em outras palavras, geralmente todas as religiões acreditam em alguma forma de existência imortal e espiritual, que vive separadamente depois da morte do corpo. A maioria dos cristãos professos chama isso de alma imortal.

A falta de entendimento sobre o assunto é a principal razão para as crenças prevalecentes sobre o céu e o inferno. Se existe algo imortal no ser humano, isso deve deixar o corpo quando a pessoa morre. A ideia característica acerca do céu e do inferno tem seu fundamento na crença de uma alma imortal que, no momento da morte, deixa o corpo.

Mas o que diz a Bíblia sobre a existência de uma alma imortal? Esta crença tem fundamento nas Escrituras?

Não vem da Bíblia, mas da filosofia grega

Muitos ficam admirados ao tomar conhecimento de que as palavras ‘imortal’ e ‘alma’ nunca aparecem juntas em nenhuma parte da Bíblia. “Os teólogos admitem abertamente que a expressão ‘alma imortal’ não está na Bíblia, mas particularmente declaram que as Escrituras *presumem* a imortalidade de toda alma” (*O Fogo que Consome* [The Fire That Consumes], Edward Williams Fudge, 1994, p. 22—ênfase do autor).

Considerando como os teólogos sustentam confiantemente esta doutrina, no mínimo é surpreendente que uma suposição tão importante não seja ensinada na Bíblia. Se não se encontra na Bíblia, então de onde veio essa ideia?

O *Novo Dicionário Bíblico* [New Bible Dictionary] apresenta o contexto da natureza não bíblica da doutrina da alma imortal. “Os gregos viam o corpo como um empecilho para a verdadeira vida e ansiavam pelo tempo quando a alma se libertaria de seus entraves. Eles tinham um conceito de vida após a morte mediante a imortalidade da alma” (1996, p. 1010 ‘Resurreição’).

Segundo esta ideia, o corpo vai para a sepultura quando morre, enquanto que a alma continua existindo como uma entidade consciente e separada dele.

A crença na separação da alma e do corpo no momento da morte era popular na sociedade grega e era ensinada por um dos seus mais famosos filósofos. “A imortalidade da alma foi a principal doutrina do filósofo grego Platão . . . Para Platão, a alma . . . era independente e indivisível . . . Ela existia antes do corpo que habitava e que continuaria sobrevivendo” (Fudge, p. 32).

Quando foi que o conceito da imortalidade da alma entrou no mundo cristão? O Antigo Testamento não ensina isso. *A Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional* [The International Standard Bible Encyclopedia], explica: “De um modo ou de outro somos influenciados pela ideia grega platônica de que o corpo morre enquanto que a alma é imortal. Este conceito é totalmente *contrário à percepção israelita e não tem fundamento no Antigo Testamento*” (1960, vol. 2, p. 812, ‘Morte’).

A Igreja do primeiro século também não compartilhava dessa crença. “A doutrina [da alma imortal] é considerada como uma *inovação pós-apostólica*, não apenas desnecessária, mas também muito prejudicial à interpretação e ao entendimento correto da Bíblia” (Fudge, p. 24).



Geralmente todas as religiões acreditam em alguma forma de existência imortal e espiritual, que vive separadamente depois da morte do corpo. A maioria dos cristãos professos chama isso a alma imortal.

Se essa doutrina não fazia parte do entendimento da Igreja no tempo dos apóstolos, então como ela veio ocupar um lugar tão importante na doutrina cristã?

Muitos estudiosos reconhecem que os ensinamentos de Platão e outros filósofos gregos influenciaram profundamente o cristianismo. Jeffrey Burton Russell afirma: “A ideia não bíblica da imortalidade, em vez de desaparecer, se desenvolveu porque os teólogos . . . admiravam a filosofia grega e encontraram nela um apoio para a noção da imortalidade da alma” (*Uma história do Céu* [A History of Heaven], 1997, p. 79).

O *Dicionário Bíblico do Intérprete* [Interpreter's Dictionary of the Bible], em seu artigo sobre morte, declara que “a ‘partida’ do *nephesh* [alma] deve

ser entendida como uma figura de linguagem porque ela não continua existindo separada do corpo, pois morre com ele . . . Nenhum texto bíblico autoriza a afirmação de que a ‘alma’ se separa do corpo no momento da morte” (1962, vol. 1, p. 802, ‘Morte’).

Então, devemos aceitar um ensinamento que não é bíblico? Muitas pessoas tomam como certo que suas doutrinas estão baseadas na vida e nos ensinamentos de Jesus Cristo e na Bíblia. No entanto Jesus disse numa oração a Seu Pai: “A Tua palavra é a verdade” (João 17:17). Será que Deus deu ao homem o direito de vincular às crenças dos filósofos mundiais aos ensinamentos bíblicos?

Deus inspirou o apóstolo Pedro a escrever: “Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação; porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (2 Pedro 1:20-21). Devemos ficar atentos às palavras de Cristo, dos profetas e dos apóstolos, contidas nas Sagradas Escrituras, se desejamos entender a verdade acerca da doutrina da imortalidade da alma ou qualquer outro ensinamento religioso.

Examinemos sinceramente as Escrituras para ver o que a Bíblia tem a dizer sobre a alma.

A Alma nas Escrituras Hebraicas

A palavra hebraica frequentemente traduzida em português como “alma” na Bíblia é *nephesh*. A *Concordância Bíblica Exhaustiva de Strong* define de forma sucinta esta palavra como significando “uma criatura que respira”. Quando usada na Bíblia, *nephesh* não significa uma entidade espiritual ou um espírito dentro de uma pessoa. Pelo contrário, isso normalmente significa uma criatura física, viva e que respira. Ocasionalmente, ele transmite um significado relacionado à respiração, à vida ou a uma pessoa.

Para muitos é surpreendente que o termo *nephesh* seja usado para se referir não apenas aos seres humanos, mas também aos *animais*. Por exemplo, observe o relato da criação da vida marinha: “Criou, pois, Deus os grandes animais marinhos e todos os seres vivos que rastejam, os quais povoavam as águas, segundo as suas espécies; e todas as aves, segundo as suas espécies. E viu Deus que isso era bom” (Gênesis 1:21, ARA). A palavra hebraica traduzida como “seres vivos” neste versículo é *nephesh*. No relato bíblico, essas “almas”, criaturas marinhas, foram criadas antes de Deus criar os primeiros seres humanos.

O termo também é aplicado às aves (versículo 30) e animais terrestres, incluindo o gado e as criaturas que “rastejam”, como os répteis e os insetos (versículo 24). Portanto, se argumentarmos que o homem possui uma alma imortal, os animais também devem ter uma alma imortal, uma vez que a mesma palavra hebraica é usada igualmente para homem e para animal. No entanto, nenhum estudioso da Bíblia consideraria seriamente essas alegações quanto aos animais. A verdade é que o termo *alma* se refere a

qualquer criatura viva, seja homem ou animal—não a alguma essência de vida separada habitando temporariamente um corpo.

No Antigo Testamento, o homem é chamado de “alma” (do hebraico *nephesh*) mais de 130 vezes. O primeiro lugar onde encontramos a palavra *nephesh* se referindo à humanidade é o segundo capítulo de Gênesis: “Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (versículo 7, ARA).

A palavra traduzida como “alma” neste versículo é mais uma vez a palavra hebraica *nephesh*. Outras traduções da Bíblia narram que o homem tornou-se um “ser” ou “pessoa” vivente. Este versículo não diz que Adão *tinha* uma alma imortal, mas sim que diz que Deus soprou em Adão o “fôlego da vida”, e Adão *se tornou* uma alma vivente. No final de seus dias, quando o fôlego de vida o deixou, ele morreu e voltou ao pó.

O Antigo Testamento ensina claramente que a alma morre. Deus disse a Adão e a Eva, duas “almas viventes”, que “certamente morreriam” se O desobedecessem (Gênesis 2:17). Deus também disse a Adão que ele veio do pó da terra e que voltaria a esse pó (Gênesis 3:19).

No Antigo Testamento, o homem é chamado de “alma” mais de 130 vezes. Mas o termo também é aplicado às aves e animais terrestres, incluindo o gado e as criaturas que “rastejam”, como os répteis e os insetos. Todos são “almas”.

Entre as explícitas declarações bíblicas sobre o que acontece à alma na morte estão as de Ezequiel 18:4 e 18:20. Ambas as passagens afirmam claramente que “a alma que pecar, essa *morrerá*”. Mais uma vez, a palavra “alma” aqui é *nephesh*. Na verdade, esta mesma palavra foi usada até mesmo para cadáveres—corpos mortos (ver Levítico 22:4; Números 5:2; 6:11; 9:6-10).

De fato, todas essas escrituras mostram que a alma pode morrer e também que ela é identificada como um ser *físico*—não uma entidade espiritual separada com uma existência independente do seu hospedeiro físico.

As Escrituras nos dizem que os mortos não têm consciência: “Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos *não sabem coisa nenhuma*” (Eclesiastes 9:5). Eles não estão conscientes em algum lugar ou qualquer estado espiritual (ver “Jesus Cristo e os Escritores Bíblicos Comparam a Morte ao Sono”).

O ensinamento do Novo Testamento

O Novo Testamento contém várias declarações que confirmam que o ímpio, que se recusa a se arrepender, sofrerá a morte—definitiva. Em

Mateus 7:13-14, ao exortar aos Seus discípulos a escolherem o caminho que leva à vida, Jesus afirma que o fim daqueles que não escolhem a vida é a *destruição*; Ele contrasta esse caminho com o dos justos, dizendo: “porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem”.

Aliás, Jesus deixou bem claro que a destruição total inclui a “alma e o corpo” (Mateus 10:28), a palavra grega para “alma” (*psyche* ou *psuche*) refere-se a existência física consciente (ver “Alguma Passagem Bíblica Ensina Que Temos uma Alma Imortal?”, a partir da página 12).

O apóstolo Paulo também diz que o iníquo vai morrer. Em Romanos 6:20-21, ele ensina a respeito daqueles que são escravos das coisas pecaminosas e diz que “o fim delas é a morte”. Assim aqueles que são escravos do pecado, que habitualmente cometem pecado, podem *perecer completamente*. No entanto, muitos tentam redefinir a morte aqui e noutras passagens bíblicas como significando apenas a separação de Deus.

Entre as mais conhecidas passagens bíblicas, está a de Romanos 6:23. Onde se afirma claramente que “o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor”. Mais uma vez, algumas pessoas vão argumentar que a morte aqui significa uma vida eterna de separação de Deus. No entanto, observe que aqui a *morte* está diretamente contrastada com a *vida eterna*. Então, Como a morte pode envolver uma existência eterna através de uma alma imortal?

Este versículo transmite claramente duas verdades cruciais. Primeiro diz que a punição do ímpio é a *morte* e não uma vida de eterno sofrimento em algum lugar (ver Filipenses 3:18-19; 2 Tessalonicenses 1:9). Segundo diz que *ainda não temos* a vida eterna por meio de uma suposta alma imortal. A vida eterna é algo que Deus nos *dá* através de Jesus, nosso Messias Salvador. Em 1 Timóteo 6:16 Paulo também nos diz que *somente* Deus possui a imortalidade.

Paulo faz uma declaração semelhante em Gálatas 6:8: “Quem semeia para a sua carne, da carne colherá *destruição*; mas quem semeia para o Espírito, do Espírito colherá a *vida eterna*” (NVI). Aqui nos diz o que acontece com os pecadores arrependidos. Eventualmente eles vão colher destruição, referindo-se a definhar e morrer, mas aqueles que se arrependem e obedecem a Deus vão finalmente receber a vida eterna.

Não existe consciência pós-morte sem uma ressurreição

Então o homem é uma alma imortal? Não. Será que ele *tem* uma alma imortal? Não. A Bíblia afirma claramente que o homem é transitório, do pó da terra. Não há nenhuma qualidade de imortal no homem—a menos e até que ele a receba de Deus por meio de uma ressurreição, o que significa ser trazido de volta à vida em um corpo, ressuscitado dentre os mortos, como foi Jesus.

A Bíblia diz claramente que o homem recebe a imortalidade na ressurreição (1 Coríntios 15:50-54), e não no fim de sua vida física. Até àquele

tempo (da ressurreição) o homem não tem nem mais duração nem outra condição diferente da dos animais.

O homem não tem nenhuma alma espiritual consciente à parte do corpo físico. Isto já foi provado uma e outra vez quando pessoas entravam em coma por semanas, meses e às vezes por anos, elas saíam daquele estado de coma sem nenhuma memória ou recordação da passagem do tempo.

Se alguém tivesse uma alma que existisse independentemente do corpo humano, será que essa alma não teria consciência dos meses ou anos que o corpo ficou inconsciente? Isso seria uma prova contundente e lógica da existência de uma alma independente dentro do corpo humano—mas nunca ninguém relatou qualquer coisa assim, apesar de milhares de situações desse tipo já terem ocorrido.

Este fato também apoia o que a Bíblia ensina—que a *consciência cessa com a morte*. Somente através de uma ressurreição é que a vida voltará a ter consciência.

O Espírito no Homem

Os seres humanos têm um componente espiritual em sua estrutura. Como diz Jó 32:8: “Há um espírito no homem”. E Zacarias 12:1 nos diz que Deus formou “o espírito do homem dentro dele”. E o apóstolo Paulo salientou: “Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está?” (1 Coríntios 2:11).

Este é espírito humano que provê o intelecto aos nossos cérebros físicos, formando assim a mente humana. Isto é o que torna o ser humano muito mais inteligente do que os animais.

No entanto, este aspecto espiritual da existência humana não tem nada a ver com o conceito de alma imortal. É algo distintamente diferente. O espírito do homem não tem vida própria. Não é uma entidade espiritual que “vive” após a morte. Como mostra a Escritura, o espírito humano não tem consciência fora do corpo, pois o homem é mortal. Quando morremos, não temos consciência de nada.

Eclesiastes 12:7 nos diz que, no momento da morte, “o espírito volta a Deus que o deu” onde é retido até um tempo futuro, quando Deus coloca novamente esses espíritos individuais em novos corpos na ressurreição, trazendo, assim, as pessoas de volta à vida com sua personalidade e memórias preservadas e intactas.

O espírito humano é fundamental para o nosso destino, uma vez que o Espírito Santo de Deus, ao se unir ao nosso, nos torna filhos de Deus (Romanos 8:16). E assim como o espírito humano nos dá o intelecto humano também o Espírito de Deus nos dá grande entendimento divino (1 Coríntios 2:10-16). Nós não nascemos com o Espírito Santo, mas o recebemos de Deus depois do arrependimento e do batismo (Atos 2:38).

Alguma passagem da Bíblia ensina que temos uma alma imortal?

Algumas pessoas acreditam que muitas escrituras apoiam a crença em uma alma imortal. Vamos analisar algumas dessas passagens e entender o que realmente dizem.

Mateus 10:28: Destruir a alma e o corpo no inferno?

“E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo” (Mateus 10:28).

Jesus está ensinando neste versículo que a alma sobrevive à morte e que é imortal? De modo algum. Se você observar bem esta escritura, verá que Jesus está realmente dizendo que a *alma pode ser destruída*. Aqui Jesus está advertindo sobre o juízo de Deus. Ele diz para não temer aqueles que podem destruir apenas o corpo humano (*soma*, em grego) físico, mas temê-Lo (Deus), que é capaz de destruir também a alma (*psuche*)—denotando aqui a pessoa de um ser físico com a sua consciência.

Em resumo, Cristo estava dizendo que, quando um homem mata outro, a morte resultante é apenas temporária; Deus pode ressuscitar alguém para a vida consciente novamente logo após a morte (ver Mateus 9:23-25; 27:52; João 11:43-44; Atos 9:40-41; 20:9-11) ou na época após Cristo voltar à terra. A pessoa que morre não está morta para sempre. Nós temos que temer apropriadamente a Deus, o único que pode tirar uma vida física e toda a possibilidade de qualquer ressurreição posterior para a vida. Quando Deus destrói alguém no “inferno”, a destruição dessa pessoa é permanente.

Que “inferno” é este mencionado neste versículo? A palavra grega usada aqui é *gehena*, que vem da combinação de duas palavras hebraicas, *gai* e *hinom*, que significa “vale de Hinom”. O termo originalmente se referia a um vale no lado sul de Jerusalém, onde as divindades pagãs eram adoradas.

Por causa de sua reputação como um lugar abominável, que mais tarde se tornou um depósito de lixo, onde os dejetos eram queimados. *Gehena* tornou-se sinônimo de “um lugar de queima”—um local utilizado para o descarte de coisas inúteis.

Apenas Deus pode destruir totalmente a existência humana e eliminar qualquer esperança de uma ressurreição. As Escrituras ensinam que no futuro Deus queimará os perversos incorrigíveis em um incêndio que a tudo consumirá, transformando-os em cinzas (Malaquias 4:3)—aniquilando-os para sempre.

1 Tessalonicenses 5:23: Espírito, alma e corpo?

Muitas pessoas ficam confusas por causa de certa expressão que o apóstolo Paulo usa em uma de suas cartas aos Tessalonicenses: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Tessalonicenses 5:23).

O que Paulo queria dizer com a frase “espírito, e alma, e corpo”?

Para Paulo “espírito” (*pneuma*) significa o componente imaterial, que é unido ao cérebro humano físico para formar a mente humana. Este espírito não tem consciência por si mesmo. Em vez disso, ele dá ao cérebro a capacidade de raciocinar, criar e analisar nossa existência (ver também Jó 32:8, 1 Coríntios 2:11). Por “alma” (*psuche*) Paulo entende um ser físico pessoal com a sua consciência. E “corpo” (*soma*) para Paulo significa um corpo físico de carne. Em suma, Paulo desejou que toda a pessoa, incluindo a mente, a vitalidade da vida consciente e corpo físico, fosse santificada e inculpável.

Apocalipse 6:9-10: O clamor de almas de mortos?

“E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram. E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” (Apocalipse 6:9-10).

Para entender esta passagem desta Escritura, é preciso considerar o contexto. João estava testemunhando uma visão, enquanto estava “em espírito” (Apocalipse 4:2). Sob a inspiração, ele estava vendo os eventos futuros representados em simbolismo. O quinto selo é *figurativo* da Grande Tribulação, uma época de turbulência mundial que antecede a volta de Cristo. Nesta visão, João vê debaixo do altar os crentes mártires que *sacrificaram suas vidas* pela fé em Deus. Estas almas figurativamente clamavam: “Vingai o nosso sangue!” Isso pode ser comparado ao sangue de Abel clamando, metaforicamente, a Deus da terra (Gênesis 4:10). Embora nem almas mortas nem sangue podem realmente falar, estas frases figurativas demonstram que um Deus de justiça não vai se esquecer das maldades que a humanidade tem perpetrado contra Seus seguidores justos.

Este versículo não está descrevendo almas vivendo no céu. A Bíblia confirma que “ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, isto é, o Filho do Homem [Jesus Cristo] que está no céu” (João 3:13). Até mesmo o justo rei Davi, um homem segundo o coração de Deus (Atos 13:22), foi descrito por Pedro como quem está “morto e enterrado” (Atos 2:29) e não vivo no céu ou em alguma situação ou lugar (versículo 34).

Jesus Cristo e os Escritores Bíblicos Comparam a Morte ao Sono

O que acontece a uma pessoa quando morre? A Bíblia compara a morte a um estado de sono. Isto é, ao ato de dormir. Certamente, não é tal como um “sono” normal. É um sono em que os sentidos não funcionam, não existe nem pensamento e nenhuma atividade cerebral ou algum tipo de vida. Encontramos passagens na Bíblia que demonstram que esta é a situação.

Por exemplo, Eclesiastes 9 declara: “Porque os vivos sabem que hão de morrer, *mas os mortos não sabem coisa nenhuma* . . . porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra, nem indústria, nem ciência, nem sabedoria alguma” (versículos 5, 10).

Daniel 12:2 descreve que os mortos que “dormem no pó da terra” mais tarde “ressuscitarão” para a vida.

Jó menciona o estado da morte em mais de uma ocasião. “Por que não morri eu desde a madre e, em saindo do ventre, não expirei? . . . Porque já agora jazeria e repousaria; dormiria, e, então, haveria repouso para mim . . . Ali, os maus cessam de perturbar; e, ali, repousam os cansados” (Jó 3:11, 13, 17).

Muitos séculos depois, o registo bíblico sobre a morte de Lázaro, um amigo de Jesus, ilustra a morte como sendo um estado de sono. “Estava, então, enfermo certo Lázaro, de Betânia” (João 11:1). Jesus decidiu ir até onde ele se encontrava, mas, para que pudesse realizar um grande milagre para fortalecer a fé dos Seus discípulos, Ele esperou até Lázaro morrer.

Antes de ir a Betânia, Jesus comentou com os Seus discípulos sobre a condição de Lázaro. Ele disse que Lázaro estava dormindo e que iria acordá-lo (João 11:11-14). Os discípulos responderam que ‘dormir’ seria bom porque o ajudaria a melhorar (versículo 12). Então Jesus foi mais explícito: “Lázaro está morto” (versículo 14). Veja que Jesus disse enfaticamente que Lázaro estava morto, mas, ao mesmo tempo descreveu a ‘morte’ como estado de sono.

Porém, quando chegou o tempo de Jesus intervir, Ele “clamou com grande voz: Lázaro, vem para fora. E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto, envolto num lenço. Disse-lhes Jesus: Desligai-o e deixai-o ir” (João 11:43-44).

Lázaro não tinha ido para o céu nem para o inferno. Ele havia sido sepultado, onde “dormia” na morte até que Jesus o chamou para fora da sepultura através de uma milagrosa ressurreição.

Como Lázaro, todos nós entramos figurativamente em um estado de sono quando morremos. Os mortos estão inconscien-

tes. A crença comum é que, na morte, o corpo vai para a sepultura enquanto que a alma continua viva e consciente, indo para o céu ou para o inferno. Contudo, vimos que esta crença não é bíblica.

Em outra referência ao estado da morte, Paulo menciona os fiéis mortos, que serão ressuscitados para se encontrarem com Cristo no ar, como aqueles que estão “dormindo”.

“Dizemo-vos, pois, isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os *que dormem*. Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor” (1 Tessalonicenses 4:15-17).

Assim, aqueles que estão em suas sepulturas serão ressuscitados, despertando para irem ao encontro do Messias, quando Ele retornar, juntamente com aqueles cristãos que ainda estejam vivos. Todos eles serão elevados no ar para encontrar a Cristo na primeira ressurreição. Depois voltarão para a terra, para reinar com Ele no Reino de Deus.

O entendimento de que os mortos estão figurativamente dormindo e aguardando a ressurreição “era a opinião prevalecente até o século quinto” (*O Declínio do Inferno* [The Decline of Hell], p. 35). A mudança do ensinamento bíblico ocorreu muitos séculos depois de Cristo. O ensinamento claro da Bíblia é que os mortos estão inconscientes, esperando na sepultura. Eles estão dormindo, como explicaram Jesus e Paulo. E não despertarão até à ressurreição.

Até mesmo Martinho Lutero, líder da Reforma Protestante, escreveu acerca disso:

“É provável que, em minha opinião, com muito poucas exceções, na verdade, os mortos dormem na insensibilidade total até o dia do julgamento . . . Com que autoridade se pode dizer que as almas dos mortos não estão dormindo . . . não é desse jeito que a vida passa em profundo sono no intervalo entre seu repouso noturno e seu despertar ao amanhecer?” (*Carta a Nicholas Amsdorf*, 13 de janeiro de 1522, citado em Jules Michelet, *A Vida de Lutero*, traduzida por William Hazlitt, 1862, p. 133). No entanto, a Reforma não abraçou a verdade de que os mortos dormem em total inconsciência.

Eventualmente todos despertarão: uns para a vida eterna na primeira ressurreição e outros para uma vida física, numa outra ressurreição mil anos mais tarde. Como Jesus disse, a hora vem “em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a Sua voz” (João 5:28-29). Esta é a reconfortante e encorajadora verdade revelada nas Escrituras.

A História do Ensino da Alma Imortal

A pesar do uso generalizado da expressão *alma imortal*, esta terminologia não se encontra em nenhum lugar da Bíblia. De onde veio a ideia de uma alma imortal?

O conceito da suposta imortalidade da alma foi ensinado pela primeira vez no antigo Egito e na Babilônia. “A crença de que a alma continua existindo após a decomposição do corpo é . . . uma especulação . . . que não é ensinada expressamente na Sagrada Escritura . . . A crença na imortalidade da alma chegou aos judeus quando estes tiveram contato com o pensamento grego e principalmente através da filosofia de Platão, seu principal expoente, que chegou a esse entendimento por meio dos mistérios órficos e eleusianos, que na Babilônia e no Egito se encontravam estranhamente misturados” (*Enciclopédia Judaica*, 1941, vol. 6, “A Imortalidade da Alma”, pp. 564, 566).

Platão (428-348 a.C.), filósofo grego e aluno de Sócrates, ensinava que o corpo e a “alma imortal” se separavam no momento da morte. A *Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional* relata o seguinte acerca do ponto de vista da antiga Israel sobre a alma: “Quase sempre somos mais ou menos influenciados pela ideia grega platônica, que diz que o corpo morre, mas a alma é imortal. Tal ideia é totalmente contrária à consciência israelita e não é encontrada em nenhum lugar do Antigo Testamento” (1960, vol. 2, p. 812, “Morte”).

O cristianismo primitivo foi influenciado e corrompido pelas filosofias gregas, uma vez que estas se espalharam pelo mundo greco-romano. No ano 200 d.C., a doutrina da imortalidade da alma tornou-se uma controvérsia entre os crentes cristãos.

O *Dicionário de Teologia Evangélica* [The Evangelical Dictionary of Theology] relata que Orígenes, um notável teólogo do tempo dos primórdios da Igreja, foi muito influenciado pela filosofia grega: “A especulação acerca da alma na Igreja pós-apostólica foi fortemente influenciada pela filosofia grega. Podendo ser visto pelo fato de Orígenes ter aceitado as doutrinas de Platão, sobre a preexistência da alma, originalmente como uma mente (*nous*, em Grego) pura, a qual, por causa do seu afastamento de Deus se abrandou para a condição de alma (*psyche*), perdendo assim a sua participação na chama divina ao voltar-se para a Terra” (1992, p. 1037, ‘Alma’).

Os historiadores seculares revelam que o conceito da imortalidade da alma é uma crença antiga, que foi abraçada por muitas religiões pagãs e idólatras. Todavia não se trata de um ensinamento nem do Antigo e nem Novo Testamento.

Será Que Um Deus Amoroso Puniria as Pessoas Para Sempre no Inferno?

Faça um simples teste, ou melhor, apenas imagine isso porque um teste seria demasiadamente doloroso.

Imagine-se segurar um fósforo aceso pela chama por apenas cinco segundos. O que aconteceria? É provável que, involuntariamente, você soltaria um grito e sofreria alguns dias pela dor da queimadura.

Talvez você já tenha visto alguma pessoa desfigurada por queimaduras sofridas num horrível acidente; a carne fica com cicatrizes disformes. Imagine alguém andando entre chamas e como a sua carne ficaria queimada, por conta disso, ficando também desfigurada. Como seria este tipo de agonia por apenas um minuto? E por um ano? E pelo tempo de uma vida? E para sempre?

A maioria das pessoas acha a ideia apavorante, quase inimaginável. E ficariam aterrorizadas apenas se soubessem que alguém intenciona fazer isso com outra pessoa.

Por que, então, tantas pessoas estão dispostas a aceitar a ideia de que o Deus que adoram e de quem têm o mais elevado conceito iria querer infligir tal punição a inúmeras pessoas que morrem todos os dias? Qual é a possibilidade dessa crença se enquadrar na descrição que a Bíblia faz de Deus como sendo infinitamente bondoso e misericordioso?

Mas qual é a verdade sobre o inferno?

O inferno através dos séculos

O tradicional conceito de inferno como punição em um caldeirão de fogo tem sido ensinado por séculos. Talvez um dos primeiros a expor esse ponto de vista entre os cristãos foi o teólogo católico Tertuliano, que viveu por volta do ano 160-225 d.C. No terceiro século Cipriano de Cartago também escreveu; “O condenado será queimado para sempre no inferno; chamas devoradoras serão a sua recompensa. Os seus tormentos nunca serão atenuados e nem terão fim” (Peter Toon, *O Céu e o Inferno: Uma Perspectiva Bíblica e Teológica* [Heaven and Hell: A Biblical Theological Overview], 1968, p. 163).

Este ponto de vista tem sido reiterado oficialmente por muitos séculos. Um documento do Concílio de Constantinopla [atual Istambul], datado de 543 d.C., declara: “Todo aquele que diz que a punição dos demônios e dos infiéis não será eterna . . . seja anátema” (D.P. Walker, *O Declínio do Inferno: Discussões Sobre o Tormento Eterno no Século Dezesete* [The Decline of Hell: Seventeenth-Century Discussions of Eternal Torment], 1964, p. 21).

O Concílio da Igreja em Latrão (1215 d.C.) reafirmou a crença da eterna punição nestes termos: “O condenado irá para a condenação eterna com o diabo” (Toon, p. 164). Na Confissão de Augsburg de 1530 se lê o seguinte: “Cristo retornará . . . para dar vida eterna e felicidade interminável aos crentes e eleitos, mas também para condenar os homens ímpios e os demônios ao inferno e ao castigo eterno” (Tonn, p. 131).

Através dos séculos, os ensinamentos sobre o tema acerca do inferno não têm sido consistentes em significado. As crenças sobre o inferno têm variado muito, dependendo das ideias do teólogo ou historiador eclesiástico que o interpretava. De modo geral, a crença mais comum tem sido aquela em que o inferno é um lugar onde as pessoas são torturadas por chamas constantes e eternas, mas nunca consumidas.

A localização do Inferno tem sido um assunto muito discutido. Alguns acreditavam ser no sol. Durante séculos, a opinião comum era de que o inferno estava no centro da terra em uma grande câmara subterrânea.

A mais vívida descrição de inferno como um lugar assim, como as pessoas geralmente creem, não tem fundamento na Bíblia e sim na obra *A Divina Comédia*, escrita pelo poeta Italiano do século quatorze, Dante Alighieri. Na primeira parte deste trabalho, intitulada de “O Inferno”, Dante descreve uma viagem imaginária por um inferno cheio de sofrimentos no fogo.

A interpretação mais moderna rejeita a ideia de tormento físico e afirma que as torturas do inferno é a angústia mental causada pela separação de Deus. Uma pesquisa recente sobre atitudes modernas revelou que 53% dos norte-americanos creem nesta perspectiva (Notícias dos Estados Unidos e Reportagens Mundiais [U.S. News and World Report], 31 de janeiro de 2000, p. 47).

O Papa João Paulo II “declarou que o inferno ‘não é uma punição exterior imposta por Deus’, mas é uma consequência natural da escolha do pecador impenitente de viver longe de Deus” (ibid., p. 48). Ainda, outras pessoas rejeitam definitivamente a doutrina sobre o inferno e acreditam que todos serão salvos.

Por que vemos tanto tipo de crenças sobre o inferno? Como a crença na imortalidade da alma, os equívocos comuns sobre o inferno estão repletos de ideias humanas, em vez de se basearem nos ensinamentos da Bíblia.

O conceito popular de inferno é uma mistura de pequenos trechos da verdade bíblica, combinadas com ideias pagãs e da imaginação humana. Como veremos a seguir, isso gerou uma representação grosseira e imprecisa sobre o que acontece com os ímpios após a morte.

Um Deus irado

Uma das descrições ilustrativas mais veementes dos tormentos do inferno concebido por homens veio do pastor puritano Jonathan Edwards, em um sermão dado em 1741, sob o título ‘Pecadores nas Mãos de um Deus irado’.

Ele disse: “O arco da ira de Deus está tenso e a flecha preparada . . . [por] um Deus revoltado . . . Apenas Sua mera complacência é que impede

de vocês serem engolidos, neste momento, pela destruição eterna! O Deus que lhes segura sobre o abismo do inferno, como se segura uma aranha ou algum inseto repugnante sobre o fogo, Ele está muito aborrecido com vocês e está terrivelmente irritado: A Sua cólera contra vocês arde como fogo; Ele os vê apenas como merecedores de serem lançados no fogo . . .

“Vocês são dez mil vezes mais abomináveis aos Seus olhos do que a mais detestável serpente venenosa é aos nossos olhos. Vocês Lhe ofenderam . . . e, contudo nada senão a Sua mão O impede de deixá-los cair no fogo a qualquer momento . . .

“Ó pecador! Considera o terrível perigo em que você está: é uma grande fornalha de ira, um imenso abismo sem fundo, cheio de fogo de cólera, sobre o qual você está suspenso pela mão de Deus . . . Você está suspenso por um delgado fio, com as chamas da cólera divina flamejando ao teu redor e prontas para lhe chamuscar a qualquer momento e depois queimá-lo completamente”.

A mais vívida descrição de inferno como um lugar assim, como as pessoas geralmente creem, não tem fundamento na Bíblia e sim na obra A Divina Comédia, escrita pelo poeta Italiano do século quatorze, Dante Alighieri. Dante descreve uma viagem imaginária por um inferno cheio de sofrimentos no fogo.

Este conceito humano e essa descrição de inferno são tão terríveis que a perspectiva de tal destino causou grande angústia, medo e ansiedade em muitos puritanos. “A ênfase exagerada sobre o inferno e a condenação combinada com o excessivo autoexame levou muitos a um estado clínico de depressão: o suicídio parecia ser algo comum entre eles” (Karen Armstrong, *Uma história de Deus* [A History of God], 1993, p. 284).

Os puritanos não foram os únicos atormentados com o medo do inferno; muitas pessoas têm sido aterrorizadas por isso desde que este conceito antibíblico foi introduzido no ensinamento religioso. Outros pastores e doutrinadores de várias correntes de pensamento, como Jonathan Edwards, têm usado métodos semelhantes para, com o amedrontamento, levar as pessoas à crença e à obediência.

Uma das razões porque este conceito de inferno tem sobrevivido é porque certos teólogos acreditam que esses ensinamentos dissuadem as pessoas de praticar o mal. “A ideia era que se o medo da condenação eterna fosse afastado, muitas pessoas agiriam sem qualquer restrição moral, e a sociedade entraria em colapso e na imoralidade anárquica” (Walker, p. 4).

Um Deus misericordioso torturaria pessoas para sempre?

Seria possível conciliar a ideia de um Deus que aterroriza as pessoas pelo medo do tormento eterno no inferno com o Deus compassivo e misericordioso que encontramos na Bíblia?

Deus é um Deus de amor que não quer que ninguém se perca (2 Pedro 3:9). Ele nos diz para amar os nossos inimigos (Mateus 5:44). “Porque faz com que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos” (Mateus 5:45). No entanto, a visão tradicional do inferno quer nos fazer acreditar que um Deus vingativo atormenta as pessoas más *por toda a eternidade*—não apenas por décadas ou séculos, mas por um período *infinito* de tempo.

A ideia de que Deus sentencia as pessoas a uma punição eterna é tão repulsiva que tem afastado certas pessoas de crer em Deus e no cristianismo.

Um exemplo típico é Charles Darwin, que escreveu na sua autobiografia: “Assim, a descrença se apoderou de mim a um ritmo lento e progressivo até finalmente tomar de mim . . . Realmente não consigo entender como alguém possa querer que o cristianismo seja verdade; porque se fosse verdade, a clara linguagem do texto parece mostrar que aqueles que não acreditam . . . serão punidos por toda a eternidade. E esta é uma doutrina condenável” (Paul Martin, *A Mente Cura: As Ligações Vitais Entre o Cérebro, o Comportamento, a Imunidade e a Doença* [The Healing Mind: The Vital Links Between Brain and Behavior, Immunity and Disease], 1997, p. 327).

A verdade é que a Bíblia não ensina esta ‘doutrina condenável’, mas o problema reside no fato de os homens terem mal-entendido o que diz a Bíblia.

Outros aspectos da doutrina tradicional acerca do inferno constituem uma ofensa ao bom senso. Uma dessas crenças sustenta que os justos, que são salvos, vão poder presenciar os tormentos infligidos aos ímpios. “Parte da felicidade dos bem-aventurados consiste em contemplar o sofrimento dos condenados. Este vislumbre vai lhes trazer alegria porque é a manifestação do ódio e da justiça de Deus ao pecado; mas, principalmente, porque estabelece um contraste que ressalta a compreensão do seu próprio estado de felicidade” (Walker, p. 29).

Sobretudo, este cenário é revoltante por várias razões. De acordo com esse raciocínio distorcido, os pais irão inevitavelmente assistir ao sofrimento de seus próprios filhos e vice-versa. Os cônjuges teriam que ver seus parceiros, marido ou esposa, incrédulos sofrendo uma tortura eterna. O pior de tudo é que esta doutrina retrata Deus como um Ser sádico e cruel.

Aqueles que insistem que a Bíblia ensina o tormento eterno pelo fogo devem se perguntar se tal crença é coerente com o que a Bíblia ensina sobre Deus. Por exemplo, como Deus poderia lidar de forma justa com aqueles que viveram e morreram sem nunca terem recebido uma oportunidade de salvação? Isso inclui os milhões que morreram quando recém-nascidos, assim como outros milhões de incrédulos ou idólatras que viveram e morreram sem nunca conhecerem a Deus ou a Seu Filho. Infelizmente, a grande maioria de todos os que já viveram se enquadra nesta categoria.

Alguns teólogos, tentando contornar esta dificuldade, supõem que aqueles que nunca tiveram a oportunidade de conhecer a Deus ou de ouvir o nome de Jesus Cristo receberão um tipo de passe livre. A justificativa é que desde que o seu estado de ignorância seja devido a circunstâncias alheias à sua

vontade, Deus irá aceitá-los no céu, independentemente de sua falta de arrependimento. Se isso for verdade, isso suscita uma possibilidade preocupante—que os esforços missionários a essas áreas possa ser a causa de pessoas serem perdidas se não aceitarem seus ensinamentos!

Dilemas como este têm colocado muitos teólogos e outros cristãos contra a parede. Assim, alguns têm desafiado o conceito tradicional de um inferno de tormento eterno através dos séculos. “Em cada geração, as pessoas continuam questionando a crença ortodoxa do tormento eterno consciente” (*Quatro Visões do Inferno*, William Crockett, editor, 1996, p. 140 [Four Views on Hell, William Crockett]).

No entanto, como vimos, os concílios da Igreja através dos tempos têm sustentado a doutrina. Firmemente enraizada na crença cristã tradicional, esta é uma ideia que não vai desaparecer assim tão fácil. O jornal *Notícias dos Estados Unidos e Reportagens Mundiais* [U.S. News and World Report], não muito tempo atrás, fez uma enquete e demonstrou que os norte-americanos acreditam mais no inferno hoje do que na década de cinquenta ou até mesmo na de oitenta e começo da de noventa (31 de janeiro de 2000, p. 46).



Seria possível conciliar a ideia de um Deus que aterroriza as pessoas pelo medo do tormento eterno no inferno com o Deus compassivo e misericordioso que encontramos na Bíblia?

A perspectiva sobre o inferno continuará assombrando as pessoas. Como concluiu o jornal *Notícias dos Estados Unidos e Reportagens Mundiais* [U.S. News and World Report]: “As poderosas imagens do inferno, sem dúvida, continuarão pairando sobre a humanidade, como o têm feito por mais de dois mil anos, como uma lembrança sombria e ameaçadora da realidade do mal e de suas consequências”.

Há mais de um inferno na Bíblia

Qual é a verdade sobre o inferno? O que ensina a Bíblia? Muitas pessoas ficarão surpresas ao aprenderem que as Escrituras falam de *três* infernos—mas não no sentido em que a maioria acredita. Examinemos porque há tanta confusão acerca desse tema.

Nos original hebraico e grego, línguas em que a Bíblia foi escrita, nós encontramos quatro palavras, uma hebraica e três gregas, que são traduzidas

como ‘inferno’ na Bíblia de língua portuguesa. Estas quatro palavras exprimem três significados diferentes.

A sepultura: *Sheol* no Antigo Testamento ou *hades* no Novo Testamento

A palavra Hebraica *sheol*, usada no Antigo Testamento, tem o mesmo significado que *hades*, uma das palavras gregas usadas para ‘inferno’ no Novo Testamento.

O *Dicionário Bíblico Anchor* [Anchor Bible Dictionary] explica o significado de ambas as palavras: “A palavra grega *hades* . . . algumas vezes, é traduzida erroneamente como “inferno” nas versões portuguesas do Novo Testamento. Mas, ela se refere ao lugar dos mortos [a sepultura] . . . O antigo conceito hebreu do lugar dos mortos, frequentemente chamado de *sheol* . . . geralmente é traduzido como *hades*, e esta palavra grega era de uso comum e corrente dos Judeus que escreviam em grego” (1992, vol. 3, p. 14, ‘hades, inferno’).

Na maioria das vezes que lemos nas Escrituras a palavra inferno, esta se refere simplesmente à sepultura, o lugar para onde vão todos quando morrem, quer sejam bons ou maus.

Ambas as palavras, *sheol* e *hades*, se referem simplesmente à *sepultura*. A comparação de uma escritura do Velho Testamento com uma do Novo Testamento confirma isto. No Salmo 16:10 lemos: “Pois não deixarás a minha alma no inferno [*sheol*], nem permitirás que o teu Santo veja corrupção” (versão de João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida [ARC])—a versão Revista e Atualizada [ARA] usa a palavra ‘morte’). Em Atos 2:27, o apóstolo Pedro citou este versículo e explicou que era uma referência a Jesus. Aqui, em Atos 2:27, na versão Revista e Corrigida, a palavra grega *hades* substitui a palavra hebraica *sheol*.

Para onde foi Jesus quando morreu? Seu espírito voltou para Deus (Lucas 23:46; ver “O Espírito no Homem” na página 11). Seu corpo foi colocado numa sepultura, que pertencia a José de Arimateia. As duas passagens, em Salmos e Atos, nos dizem que o corpo de Jesus não entrou em estado de decomposição na sepultura porque Deus o ressuscitou.

Na maioria das vezes que lemos nas Escrituras a palavra *inferno*, esta se refere simplesmente à sepultura, o lugar para onde vão todos quando morrem, quer sejam bons ou maus.

A palavra *sheol* é usada 65 vezes no Antigo Testamento. Na tradução Portuguesa de João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida [ARC], ela é traduzida 28 vezes como inferno; como sepultura 27 vezes; cinco vezes como sepulcro e duas vezes simplesmente é transliterada como *sheol*; também a cada uma vez é convertida como terra, mundo invisível e sepultado.

A palavra *hades* é usada onze vezes no Novo Testamento. Na tradução Portuguesa de João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida [ARC] encontramos esta palavra sendo usada três vezes na sua forma original de *hades* (Lucas 16:23; Atos 2:27 e 31), e oito vezes é traduzida como inferno (Mateus 11:23 e 16:18; Lucas 10:15; 1 Cor 15:55; Apocalipse 1:18; 6:8 e 20:13 e 14).

Uma palavra para prisão de demônios: *Tártaro*

A segunda palavra grega, *tártaro*, também é traduzida como “inferno” no Novo Testamento. Esta palavra é usada apenas uma vez na Bíblia (2 Pedro 2:4), onde se refere à restrição atual ou a prisão dos anjos caídos, também conhecidos como demônios.

O *Dicionário Expositivo de Palavras da Bíblia* [The Expository Dictionary of Bible Words] explica que *tártaro* significa “ficar confinado em *tártaro*” e que “*tártaro* era o nome grego para o abismo mitológico onde eram confinados os deuses rebeldes” (Lawrence Richards, 1985, “Céu e Inferno”, p. 337).

Pedro fez esta referência à mitologia contemporânea para mostrar que os anjos que pecaram foram “entregues às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo”. Os anjos caídos estão numa condição ou lugar de restrição aguardando o julgamento final por sua rebelião contra Deus e por causa de sua influência destrutiva sobre a humanidade.

O lugar onde eles estão presos não é um submundo de fogo ou escuridão. Em vez disso, esse lugar de confinamento é *na Terra*, onde eles exercem influência sobre as nações e sobre as pessoas. Os Evangelhos registram que Jesus Cristo e seus apóstolos tiveram encontros reais com Satanás e seus demônios (Mateus 4:1-11; 8:16, 28-33, 9:32-33, João 13:26-27). Jesus mesmo se refere a Satanás como o príncipe deste mundo (João 12:31; 14:30, 16:11).

O termo *tártaro* aplica-se unicamente em relação aos demônios. Nunca se refere a um inferno em chamas onde as pessoas são punidas depois da morte.

Outra palavra com significado de queimar – isto é, pegar fogo: *Gehena*

Apenas na última palavra grega restante, *gehena*, traduzida como “inferno”, é que vemos alguns elementos em que as pessoas normalmente associam com a visão tradicional do inferno—mas *não* na forma de inferno retratada na imaginação das pessoas.

O termo *gehena* se refere a um vale nos arredores de Jerusalém. A palavra é derivada do hebraico *gai-hinom*, o Vale de Hinom (Josué 18:16). “Era um lugar de prática religiosa, onde se realizava sacrifícios humanos idólatras . . . Com intuito de acabar com estas abominações, [o rei de Judá] Josias o profanou com ossos humanos e outras resíduos (2 Reis 23:10, 13, 14)” (O *Dicionário Completo de Estudo de Palavras do Novo Testamento* [Spiros Zodhiates, The Complete Word Study Dictionary New Testament], 1992, p. 360).

Na época de Jesus, este vale era o que poderíamos chamar de lixão da cidade—o lugar onde todo o lixo era jogado e consumido pelo fogo, que

lá ardia constantemente. As carcaças de animais de mortos—e corpos de criminosos desprezíveis—também eram lançados no *gehena* para serem completamente queimados.

Portanto, Jesus se utiliza desse local em particular e o que acontecia lá para ajudar seus ouvintes a entenderem claramente o destino que os injustos sofrerão no futuro. Assim, eles entenderiam facilmente o que Ele queria dizer.

Existem vermes imortais no inferno?

Em Marcos 9:47-48, por exemplo, Jesus se refere especificamente ao *gehena* e ao que acontecia lá. Mas sem um conhecimento adequado da história daquele lugar, muitas pessoas chegam a conclusões erradas.

Preste atenção às Suas palavras: “Melhor é para ti entrares no Reino de Deus com um só olho do que, tendo dois olhos, ser lançado no fogo do inferno [*gehena*], onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga”. Qualquer morador de Jerusalém teria entendido imediatamente o significado destas palavras de Jesus, pois *gehena*—o Vale de Hinom—estava ao sul nos arredores dos muros da cidade.

Sem entender isto, as pessoas, frequentemente caem em ideias erradas sobre este versículo. Algumas acreditam que “bicho” é uma referência à angústia de consciência que os condenados sofrem no inferno. “*O seu bicho que não morre*’ quase sempre era interpretado, figurativamente, como significando o tormento do remorso e da inveja” (Walker, p. 61). Muitos acreditam que a expressão “o fogo nunca se apaga” é uma alusão às constantes chamas do fogo que torturam o condenado.

Notavelmente, esta escritura tem sido interpretada fora de contexto. Observe que a frase “o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga” devia aparecer entre aspas, porque é uma citação que Jesus fez de Isaías 66:24. O entendimento correto de Sua declaração começa nesta passagem de Isaías.

O contexto em Isaías refere-se ao tempo do qual Deus diz: “Virá toda a carne a adorar perante Mim, diz o SENHOR” (versículo 23). É um tempo em que os iníquos já não existem mais. O que aconteceu com eles? No versículo 24 lemos que as pessoas “sairão e verão os corpos mortos dos homens que prevaricaram contra Mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror para toda a carne”.

Observe que Jesus citou um texto das Escrituras onde se diz que *estavam mortos* os corpos das pessoas afetadas pelos bichos. Obviamente, não se trata de pessoas vivas sofrendo no fogo. Quando Jesus retornar, lutará contra os que Lhe resistirem (Apocalipse 19:11-15). Aqueles que tombarem nessa batalha não serão enterrados, antes os seus corpos serão deixados no chão onde as aves de rapina e os vermes consumirão a sua carne.

Conforme o *Livro Teológico de Palavras do Velho Testamento* [Theological Wordbook of the Old Testament, 1980], a palavra hebraica original traduzida como “verme” em Isaías 66:24 e “bicho” em Marcos 9:47-48 significa “gusano, verme [ou] larva”.

Nem Isaías nem Cristo estão falando de vermes imortais. Os vermes de que eles falam não morreriam *enquanto* larvas porque, sustentadas pela carne que comiam, eles viveriam para se transformar em moscas. Então, as moscas põem ovos que eclodem em mais larvas (larvas de moscas), perpetuando o ciclo até que não haja mais nada para eles consumirem.

A informação por trás disso nos ajuda a entender melhor as palavras de Jesus. Naquele tempo, quando os corpos de animais mortos ou de criminosos executados eram lançados no lixo ardente do *gehena*; aqueles corpos eram destruídos pelos vermes ou pelo fogo que ardia permanentemente ali ou por ambos. Historicamente, um corpo que não fosse enterrado, mas que fosse submetido às chamas, era tido como amaldiçoado (Josué 6:18; 7:11, 25).

Então, o que significam as palavras de Jesus em Marcos 9:48 quando diz: “o fogo nunca se apaga”? Com a explicação anterior podemos entender isso. Ele simplesmente disse que o fogo sempre arderia enquanto houvesse corpos de iníquos condenados a serem consumidos. Esta expressão usada com alguma frequência nas Escrituras refere-se ao fogo que a *tudo* consome (Ezequiel 20:47). Um fogo inextinguível é aquele que ainda não foi apagado. Portanto, ele vai *se extinguir por si só*, quando tiver consumido toda a matéria que o alimenta e quando não houver mais material combustível.

Quando os ímpios serão punidos?

Certamente, podemos perguntar *quando* ocorrerá essa punição?

Como vimos antes, Jesus citou o profeta Isaías, quem escreveu acerca do que acontecerá depois que o Messias estabelecer o Seu reino na Terra. Somente então toda a humanidade virá para “adorar perante Mim” (Isaías 66:23). Somente então é que esta profecia será cumprida.

Jesus usa um local comum, em Sua época, de despejo de lixo—o lixão do Vale de Hinom, que ficava fora dos muros de Jerusalém—para ilustrar o *destino final* dos ímpios em que as Escrituras chamam de lago de fogo. Assim como o lixo da cidade era consumido pelas larvas e pelo fogo também os ímpios serão queimados—*consumidos*—no futuro fogo do *gehena* depois de mil anos da volta de Cristo (Apocalipse 20:7-9, 12-15).

Pedro explica que naquele tempo “os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão” (2 Pedro 3:10). A implicação é que a superfície da Terra se tornará como uma massa fundida, destruindo qualquer evidência da impiedade humana.

O que acontecerá depois disto? O apóstolo João escreveu: “E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe” (Apocalipse 21:1). Toda a Terra será transformada numa habitação digna para os justos que, nesse tempo futuro, terão herdado a vida eterna.

A destruição da alma e do corpo no inferno

Outra passagem onde Jesus fala do fogo do *gehena* está em Mateus 10:28: “E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei

antes aquele que pode fazer perecer no inferno [*gehena*] a alma e o corpo” (Mateus 10:28).

Devemos observar que Jesus não fala de pessoas que sofrem um tormento eterno. Ele diz que Deus pode destruir—*aniquilar*—o corpo e a alma no fogo do *gehena*. (Para saber mais, ver “Alguma passagem da Bíblia ensina que temos uma alma imortal?”, a partir da página 12).

Jesus aqui explica que, quando um homem mata outro, o resultado da morte é apenas temporário porque Deus pode trazê-lo à vida outra vez. Mas, quando Deus destrói alguém no inferno (*gehena*), o resultado desta morte é eterno. Não há ressurreição neste caso e isso a Bíblia chama de “segunda morte”.

A Bíblia diz que os pecadores impenitentes serão jogados no lago de fogo, ou *gehena*, no final dos tempos. “Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicadores, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre, que é a segunda morte” (Apocalipse 21:8).

Esta passagem e outras semelhantes demonstram que a doutrina da salvação universal é falsa. Nem todos serão salvos. No fim, alguns vão se recusar a arrepender-se e vão sofrer a punição. Mas esta punição não será queimar em um fogo que nunca se apaga. Pelo contrário, é passar por uma morte da qual não haverá ressurreição.

Como esclarecemos anteriormente, os iníquos serão destruídos. Eles não viverão eternamente noutro lugar ou num estado de angústia eterna. Eles serão destruídos no lago de fogo no fim dos séculos. Eles serão consumidos quase instantaneamente pelo calor do fogo e nunca mais voltarão a viver de novo.

O ímpio reduzido a cinzas

Outra passagem que ilustra graficamente a destruição total dos ímpios se encontra em Malaquias 4:1: “Pois certamente vem o dia, ardente como uma fornalha. Todos os arrogantes e todos os malfeitores serão como palha, e aquele dia, que está chegando, *ateará fogo neles*”, diz o SENHOR dos Exércitos. “Não sobrá raiz ou galho algum” (NVI).

Isto ocorrerá no fim dos tempos, quando Deus retribuirá aos iníquos por causa de seu caminho de vida rebelde e repreensível. Mas para aqueles que se submetem e obedecem a Deus, Ele diz: “E pisareis os ímpios, porque se *farão cinza debaixo das plantas de vossos pés*, naquele dia que farei, diz o SENHOR dos Exércitos” (versículo 3).

Deus, falando através do profeta Malaquias, deixa claro qual é o destino final dos ímpios. Eles serão arrancados como árvores infrutuosas, sem deixar raiz nem ramo. Eles serão consumidos pelas chamas do lago de fogo e restarão apenas cinzas.

A Bíblia ensina que os ímpios serão punidos no fogo—mas *não* no inferno mítico da imaginação dos homens. Deus é um Deus de misericórdia e de amor. Aqueles que voluntariamente escolherem rejeitar Seu caminho de

vida, caracterizada pela obediência à Sua lei de amor (Romanos 13:10), vão morrer, mas não sofrer para sempre. Eles serão consumidos pelo fogo e esquecidos. Eles não serão torturados por toda a eternidade.

Lembre-se de que a vida eterna é algo que Deus deve conceder, e Ele apenas irá concedê-la para aqueles que se arrependam e sigam-No—e não àqueles que persistem na rebelião contra Ele.

Compreenda que a morte final das pessoas incorrigíveis e perversas em um lago de fogo é um ato não apenas de justiça, mas também de misericórdia da parte de Deus. Permitir que elas continuassem a viver impiamente, em eterna rebelião, causaria grande tristeza e angústia a si mesmas e a outras pessoas. Deus não vai deixar que isso aconteça muito menos entregá-las a um tormento insuportável por toda a eternidade.

A alentadora verdade da Bíblia nos mostra que Deus é realmente um Ser de grande misericórdia, sabedoria, e juízos justos. Tal como lemos no Salmo 119:9: “Os juízos do SENHOR são verdadeiros e justos juntamente”.

O Tormento dos Ímpios Durará para Sempre?

“**E**será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso, nem de dia nem de noite, os que adoram a besta e a sua imagem e aquele que receber o sinal do seu nome” (Apocalipse 14:10-11).

À primeira vista esta passagem parece confirmar a ideia tradicional de um inferno de fogo escaldante e sulfuroso, atormentando impiedosa e eternamente as indefesas almas mortais. Mas, se, por um momento, pormos de lado esse conceito tradicional e popular sobre o inferno, rapidamente percebemos que esta Escritura descreve uma circunstância bem diferente.

Primeiro notemos que no contexto desta passagem vemos que os acontecimentos descritos *não ocorrem no inferno* nem numa situação depois da vida, mas acontecem *aqui na terra* entre os terríveis incidentes imediatamente antes ou após a segunda vinda de Cristo. Este aviso descreve o castigo que cairá sobre todos os habitantes da Terra “que adoram a besta e a sua imagem e aquele que receber o sinal do seu nome”.

O capítulo 13 descreve esta “besta”—um superpoder ditatorial do fim dos tempos que se oporá a Deus—e a sua marca. Aqueles que aceitarem esta marca demonstrarão que aceitaram a aliança com esse sistema poderoso e não com Deus, e no capítulo 14 Deus revela as consequências dessa escolha—advertindo sobre os terríveis castigos que precederão a vinda de Cristo (ver versículos 14-20 e os dois capítulos seguintes).

Observe também nesta passagem que a *fumaça* desses eventos aterrorizantes subirá para sempre—aqui não diz que o *tormento* dessas pessoas continuará para sempre. Davi escreveu em Salmo 37:20 que “os ímpios *perecerão* [não serão torturados para sempre no inferno] . . . desaparecerão e *em fumaça se desfarão*”.

Sem dúvida, a fumaça também está associada com a ira de Deus derramada sobre a Terra, como descrito em Apocalipse 16—que inclui a total destruição pelo intenso calor, pela guerra e por um forte terremoto. Todos estes eventos irão gerar grandes incêndios e uma enorme quantidade de fumaça.

As propriedades dessa fumaça são tão intensas que “sobem para todo o sempre” (14:11), o que significa que nada vai impedi-la ou extingui-la. E essa coluna de gás aquecido, que contém partículas minúsculas e suspensas, sobe, expande-se e, eventualmente, se dissipa. Além disso, a frase grega traduzida como “para todo o sempre” não tem de significar para toda a eternidade. Ela somente pode se referir ao que está acontecendo no fim dos tempos.

A referência aos ímpios, no versículo 11, não terem “repouso, nem de dia nem de noite” diz respeito àqueles que continuam adorando a besta e a sua imagem durante esse tempo. Eles estarão constantemente aterrorizados e com medo de perder suas vidas, e, portanto, não conseguirão encontrar um momento de descanso durante essa época terrível da ira de Deus.

Ao invés de descrever o tormento eterno das pessoas no inferno, vemos pelo contexto que esta passagem realmente descreve eventos específicos que terão lugar na Terra no final dessa época.

A Bíblia Menciona um Fogo do Inferno que Dura para Sempre?

Muitos supõem que as duas passagens bíblicas que provam que os ímpios devem ser torturados eternamente no inferno são Mateus 25:41 e 25:46. Mas, é isso o que elas dizem? Vamos dar uma olhada mais de perto.

Primeiro, vemos que os acontecimentos narrados se referem ao tempo “quando o Filho do Homem [Jesus] vier em Sua glória” (versículos 31 e 32). Quando Ele “apartará uns dos outros, como o pastor aparta os bodes das ovelhas”. As ovelhas representam os justos (versículos 34-40). Quando Ele retornar “porá as ovelhas à Sua direita” (versículo 33). Os bodes à sua esquerda, neste caso, representam os pecadores. Então Ele envia os bodes “para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mateus 25:41).

A palavra *eterno* usada neste versículo é uma tradução da

palavra grega *aionios*. A chave para o entendimento correto deste versículo está em saber *o que* ocorrerá eternamente. Será que se refere a um fogo que atormenta sem ter fim ou tem outro significado?

Em Mateus 25:46, notamos que Jesus falou sobre uma só sentença de ‘castigo eterno (*aionios*)’ e uma recompensa de ‘vida eterna (*aionios*)’ [*versões de Almeida, Revista e Atualizada e da Bíblia da Linguagem de Hoje*]. E como o justo herdarà a vida eterna, muitos teólogos acreditam que a punição do ímpio também tem que durar o mesmo período de tempo. Mas, como visto antes, isto não está de acordo com a declaração de que os que forem lançados no lago de fogo *perecerão*—eles serão mortos. Como explicado anteriormente, eles sofrem a morte—a segunda morte (Apocalipse 2:11; 20:6, 14; 21:8).

O significado, claro e simples de Mateus 25:46, que concorda com todo o ensino da Bíblia sobre este tema, é que os ímpios serão lançados no lago de fogo e serão extintos—assim deixando de existir para sempre. O castigo resultante de serem lan-

çados no fogo *aionios* é algo só acontece uma única vez. Este é um castigo permanente e o *resultado* desse castigo será eterno—ou seja, a morte eterna! E não um processo de castigo que *nunca acabaria*. Esta é a única explicação que concorda com o resto das Escrituras.

Neste ponto, precisamos fazer um esclarecimento adicional sobre o significado de *aionios*. Gênesis 19 descreve a destruição de duas cidades, Sodoma e Gomorra, por sua maldade contra Deus: “Então, o SENHOR fez chover enxofre e fogo, do SENHOR desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra” (Gênesis 19:24). Elas foram completamente destruídas—consumidas pelo fogo.

No Novo Testamento, o livro de Judas descreve estas cidades como “sofrendo a pena do fogo eterno [*aionios*]” (Judas 7). Entretanto, é óbvio que o fogo que destruiu Sodoma e Gomorra não continua queimando hoje em dia. No caso destas cidades e também no caso dos ímpios que serão lançados no fogo *aionios*, o fogo queima e destrói completamente. O que é eterno neste fogo é o seu *efeito* e não quanto tempo ele realmente queima.

Muitos supõem que as duas passagens bíblicas que provam que os ímpios devem ser torturados eternamente no inferno são Mateus 25:41 e 25:46. Mas, é isso o que elas dizem?

Lázaro e o Homem Rico: Uma Prova Acerca do Céu e do Inferno?

Muitos interpretam uma das parábolas de Jesus como prova de que as pessoas têm almas imortais e que vão para o céu ou para o inferno imediatamente após a morte. Mas será que esta parábola realmente diz isso? Vamos examinar o assunto, prestando atenção ao contexto histórico.

Jesus contou a seguinte parábola: “Ora, havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente. Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele. E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas.

“E aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico e foi sepultado. E, no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão e Lázaro, no seu seio. E, clamando, disse: Abraão, meu pai, tem misericórdia de mim e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.

“Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro, somente males; e, agora, este é consolado, e tu, atormentado. E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tão pouco os de lá, passar para cá.

“E disse ele: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento.

“Disse-lhe Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos.

“E disse ele: Não, Abraão, meu pai; mas, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam.

“Porém Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite” (Lucas 16:19-31).

Quando olhamos para esta narração à luz das Escrituras e seus contextos históricos, percebemos imediatamente que se trata de uma alegoria, uma história conhecida daquela época, que Jesus usou para destacar uma lição espiritual para aqueles que conheciam a lei, mas não a praticavam. Nunca houve intenção de que ela fosse entendida literalmente pelos que a escutaram.

Dr. Lawrence Richards, especialista em linguagem da Bíblia, ao comentar esta passagem em *O Comentário Bíblico de Contexto do Novo Testamento*, explica que Jesus usou o pensamento judaico

contemporâneo sobre a vida após a morte (que nessa altura já era influenciado pela mitologia pagã) para introduzir uma lição espiritual sobre como enxergamos e tratamos os outros.

Nesta visão da vida após a morte, Hades, a morada dos mortos, era “vista como sendo dividida em duas seções” e “conversas poderiam ser realizadas entre as pessoas” na morada dos justos e aquelas na morada dos injustos. “Os escritos judaicos também imaginavam a primeira como uma terra verdejante com água doce brotando de várias nascentes”, separada da segunda, que era descrita como uma terra árida e seca. Esses elementos são mostrados no relato de Cristo.

“Na história que Jesus contou, Deus foi o único socorro do mendigo, porque certamente o rico nunca faria nada por ele!

. . . É importante ver esta parábola de Jesus como uma sequência do Seu conflito com os fariseus sobre as riquezas. Cristo tinha dito: ‘Não podeis servir a Deus e às riquezas’ (Lucas 16:13, ARA). Quando os fariseus se mostraram sarcásticos (versículo 14), Jesus respondeu: ‘O que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação’ (versículo 15).

“Não há dúvida que os fariseus não estavam convencidos . . . Então Jesus contou uma história na intenção de ressaltar a importância do que tinha acabado de dizer . . .

“Se o homem rico vivesse hoje em dia, seguramente, ele seria protagonista do programa da TV norte-americana intitulado: ‘O Estilo de Vida dos Ricos e Famosos’. As câmeras estariam voltadas para sua maravilhosa mansão com seus portões de ferro decorados . . . e nas fabulosas festas que ele daria para agradar os seus amigos importantes.

“Enquanto os equipamentos de filmagem eram levados para a casa do rico, um dos operadores de câmera poderia ter tropeçado no pobre e abandonado mendigo que teimava em permanecer na calçada do lado de fora da casa do rico . . . Certamente ele era indigno de ser notado pelo dono da casa que nunca pensou no faminto que estava lá fora; apesar de tudo Lázaro suspirava por uma migalha caída de sua mesa farta.

Quando olhamos para esta narração à luz das Escrituras e seus contextos históricos, percebemos imediatamente que se trata de uma alegoria, uma história conhecida daquela época, que Jesus usou para destacar uma lição espiritual para aqueles que conheciam a lei, mas não a praticavam.

“Se olharmos apenas para esta vida, o homem rico parece ser ao mesmo tempo abençoado e feliz, e o homem pobre, rejeitado e amaldiçoado. Não há dúvida de que as pessoas na primeira situação seriam tidas como de alto valor e as outras seriam vistas como detestáveis.

“Então, Jesus disse que ambos morreram. E assim, repentinamente, as suas posições são invertidas! Lázaro encontra-se no ‘seio de Abraão’, uma expressão que o mostra reclinando-se, no lugar de honra, num banquete que simboliza as bênçãos eternas; enquanto que o homem rico encontra-se em tormento, separado do lugar de bênçãos por ‘um grande abismo’ (Lucas 16:26). Ainda que ele implore por uma gota de água, Abraão abana tristemente a cabeça. Nenhum alívio é possível—ou apropriado!

“O homem rico tinha recebido muitas coisas boas, e tinha usado todas egoisticamente para seu próprio benefício. Apesar das frequentes advertências do Antigo Testamento para que os ricos compartilhem suas boas coisas com os pobres, a indiferença deste homem rico a Lázaro mostrou o quanto seu coração estava afastado de Deus e quão longe ele tinha se desviado dos caminhos de Deus. Eram suas riquezas e ele iria usá-las somente para si mesmo. Ah, o homem rico retrata muito bem aqueles fariseus que ‘amavam o dinheiro’ e até zombavam de Jesus!

“E assim, o primeiro ponto de Jesus era dirigido às atitudes deles. Vocês, fariseus, simplesmente não podem amar a Deus e ao dinheiro. O amor ao dinheiro é detestável para Deus, pois vocês certamente serão levados a fazer escolhas na vida que Lhe são abomináveis. Amar ao dinheiro pode até satisfazê-los bem nesta vida. Mas, no mundo porvir, vocês certamente irão sofrer as consequências.

“Mas Jesus não para por aqui. Ele mostra o homem rico suplicando a Abraão para mandar Lázaro prevenir a seus irmãos, que vivem de maneira egoísta, tal como ele viveu. Novamente Abraão se recusa, dizendo: Eles têm ‘Moisés e os Profetas’ (Lucas 16:31), ou seja, as Escrituras. Se eles não dão atenção às Escrituras tão pouco ouvirão a alguém que retorne da morte . . .

“Então, em suma, Jesus faz uma séria acusação: A dureza e falta de vontade dos fariseus e mestres da lei em relação às palavras de Jesus refletem um endurecimento à própria Palavra de Deus, a quem estes homens dizem honrar . . .

“Todo esse capítulo nos adverte que, se levarmos a sério seu conteúdo, isso vai afetar a maneira como vemos e usamos o dinheiro, e a maneira como reagimos aos pobres e aos oprimidos” (1994, pp. 193-195). Este é o ponto de vista de Jesus sobre esse relato. O Dr. Richards explica que aqui Jesus não ensina a ideia popular (e errônea) acerca do céu e do inferno.

Algumas Pessoas Serão Torturadas para Sempre em um Lago de Fogo?

“**E**o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde *está [ou foram lançados, segundo diversos estudiosos da Bíblia]* a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre” (Apocalipse 20:10).

Este versículo diz que esses dois personagens do fim dos tempos, a besta e o falso profeta, serão atormentados eternamente?

A besta e o falso profeta são seres humanos e serão lançados vivos no lago de fogo.

“E a besta foi presa e, com ela, o falso profeta, que, diante dela, fizera os sinais com que enganou os que receberam o sinal da besta e adoraram a sua imagem. Estes dois *foram lançados* vivos no ardente lago de fogo e de enxofre” (Apocalipse 19:20).

Lemos em Malaquias 4:1-3 e Marcos 9:47-48 que qualquer ser humano lançado no lago de fogo *será destruído*, se tornará cinzas. Ou seja, morrerá. A sua *punição* será eterna. Mas não será *atormentado* por toda a eternidade.

A passagem de Apocalipse 20:10 fala de Satanás, o diabo, sendo lançado no lago de fogo no fim dos mil anos de reinado de Cristo. Em referência a besta e ao falso profeta ser lançado no lago de fogo, é relevante notar que a versão da Bíblia Nova Versão Internacional diz que eles “já *havia*m sido lançados” ali—pois, eles já terão morrido quando isso aconteceu mil anos antes. Eles não continuam queimando lá. Assim sendo a expressão “atormentado para todo o sempre” se aplica, principalmente, a Satanás e, presumivelmente, a seus cúmplices demoníacos (comparar Mateus 25:41).

Além disso, é importante ressaltar que a frase grega traduzida como “para todo o sempre” aqui, *eis tous aionas ton aionon*, significa literalmente “pelos séculos dos séculos”. Enquanto que isso pode significar pela eternidade como também pode significar até a culminação dos séculos, o que poderia terminar logo após a extinção do fogo.

O Céu é a Recompensa de Deus para os Justos?

A recompensa dos justos é a vida eterna no céu? Quase quatro em cada cinco norte-americanos acreditam que sim (*Periódico Nacional* [National Review], 9 de novembro de 1998). Através dos séculos, esta tem sido a esperança apregoada pelo cristianismo tradicional.

O que significaria ir para o céu? O que faríamos lá por toda a eternidade? E o mais importante, a Bíblia realmente diz que o céu é a recompensa daqueles que são salvos?

Imaginações humanas sobre o céu

As crenças sobre o céu como recompensa dos salvos têm variado consideravelmente ao longo dos séculos. Alguns quadros tradicionais do céu mostram um portal com um arco-íris arqueando sobre ele e até com uma ponte de ouro ou de vidro. São Pedro geralmente é representado como o porteiro. Seus habitantes são mostrados acompanhados por anjos, ou podem parecer com os próprios anjos, tendo, aparentemente, ganhado um par de asas.

Outro ponto de vista comum na consciência popular é o de moradores celestiais assentados nas nuvens tocando harpas. A decoração do céu muitas vezes apresenta joias, estrelas, velas e trombetas. Teólogos e filósofos adaptaram seus conceitos de céu através dos séculos, influenciados pela sociedade que os rodeia. “Os monges e os frades, dependendo de como se sentiam mais a vontade, na casa, no campo ou na cidade, apregoavam um céu definido principalmente em termos do meio ambiente” (Colleen McDannell e Bernhard Lang, *O Céu: Uma História* [Heaven: A History], 1988, p. 108).

Em parte, baseados em suas próprias experiências e preferências, alguns estudiosos de religião previam um cenário rural, enquanto outros imaginavam um paraíso urbano. Para este último, “o céu era uma cidade . . . ou uma experiência visionária de castelos celestes. Os relatos do outro mundo resoavam como ruas douradas, construções encrustadas de joias e moradores ricamente vestidos” (ibidem).

Algumas pessoas na época do Renascimento imaginavam um paraíso mais satírico: “Em sua forma mais ousada, a nova teologia imaginou o céu como um lugar de amor erótico humano em um ambiente bucólico de reconfortantes paisagens naturais” (ibid., p. 112.).

Uma eternidade no céu fazendo o quê?

O tipo de relacionamento que os habitantes do céu teriam com Deus foi um assunto amplamente debatido. Um autor moderno descreve a maneira como muitas pessoas imaginam essa interação com Deus no céu: “Os santos

vão, eterna e ininterruptamente, fixar os olhos nEle e contemplar para sempre a Sua gloriosa perfeição” (John McArthur, *A Glória do Céu* [The Glory of Heaven], 1996, p. 221).

Outros creem que, se for isso que farão sempre e eternamente, o céu parece ser um lugar monótono. O mesmo escritor sugeriu que a oração das inúmeras pessoas piedosas deveria ser assim: “Por favor, meu Deus, não me leve agora para o céu . . . porque eu ainda não fui ao Havai!” (McArthur, p. 49).

Os modernos conceitos dos cristãos a respeito do céu apresentam um panorama divergente. Outro escritor escreve: “Eu tenho uma teoria de que o céu oferecerá aos cristãos piedosos o que eles sacrificaram na Terra pelo nome de Jesus. Por exemplo, um amigo meu, que escala montanhas, por opção própria, vive numa área degradada da cidade, acho que terá lindos vales só para ele. Uma doutora missionária que viva numa área pobre do Sudão, terá sua própria floresta, com abundante água para explorar” (Philip Yancey, “Para Quê um Céu?”, revista *O Cristianismo de Hoje* [Christianity Today], 26 de Outubro de 1998).

Para muitos o aspecto mais importante do céu é a oportunidade de verem novamente



Para muitos, o aspecto mais importante do céu é a oportunidade de verem seus entes queridos novamente.

as pessoas que amam: “Acima de tudo, o elemento mais persuasivo do moderno céu para muitos cristãos contemporâneos é a esperança de voltar a reunir-se com os seus familiares. Numerosos anúncios nas seções de óbitos em jornais europeus e norte-americanos refletem a crença de que os entes queridos separados pela morte serão reunidos no céu” (McDannell and Lang, p. 309).

Como veremos, Deus tem um plano para reunir as pessoas amadas, porém as ideias e crenças populares acerca do céu nem sequer chegam perto de descrever a majestade e o propósito do plano de Deus.

As pessoas vão para o céu quando morrem?

A crença popular é que quando uma pessoa boa morre vai imediatamente para o céu. Todavia, para o cristianismo tradicional as coisas não são assim tão simples. De acordo com este ponto de vista, o corpo vai para a sepultura enquanto que a alma ascende ao céu.

A confissão de fé de Westminster, escrita no século dezessete, declara:

“Depois da morte, o corpo do homem volta ao pó e experimenta a corrupção; mas a sua alma (que nunca morre nem dorme), tendo uma subsistência imortal, retorna imediatamente a Deus que a deu. As almas dos justos, tornam-se perfeitas em santidade e são recebidas no alto céu, onde contemplam a face de Deus em luz e glória; aguardando a completa redenção dos seus corpos”.

Mas, será que encontramos este conceito na Bíblia? As Escrituras declaram que os justos vão para o céu quando morrem?

Davi, o rei de Israel e autor de muitos salmos, a quem Deus chamou de “varão conforme o meu coração” (Atos 13:22), *não* foi para o céu quando morreu. Acerca desta realidade e sob a inspiração de Deus, o apóstolo Pedro escreveu: “Varões irmãos, seja-me lícito dizer-vos livremente acerca do patriarca Davi que *ele morreu e foi sepultado*, e entre nós está até hoje a sua sepultura” (Atos 2:29). E acrescentou: “Davi *não* subiu aos céus” (versículo 34).

Davi foi incluído, pelo autor da epístola aos Hebreus, entre os que morreram na fé (Hebreus 11:32); sendo um dos quais está escrito: “E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, *não alcançaram a promessa*” (versículo 39).

O Evangelho de João, escrito cerca de mil anos depois da morte de Davi, afirma: “*Ora, ninguém subiu ao céu*, senão o que desceu do céu, o Filho do Homem [Jesus Cristo]” (João 3:13). Isto significa que Abraão, Moisés, Davi, os profetas e todos os outros homens e mulheres justos que viveram antes da primeira vinda de Cristo *não foram para o céu*. Como Davi, eles também foram sepultados.

O conceito de que a alma vai para o céu quando uma pessoa morre—ainda que defendida por muitas pessoas de boa fé—*não tem fundamento na Bíblia*. É o resultado da falta de entendimento das Escrituras e da confusão sobre o ensinamento nelas contidos a respeito da ressurreição.

Por que uma ressurreição?

Os teólogos reconhecem que a Bíblia fala de uma ressurreição, mesmo que não estejam seguros do que isso significa ou quando acontecerá. O conceito mais comum é que, na ressurreição, o corpo levanta-se para voltar a unir-se com a alma no céu. Mas, como referimos antes, o conceito da imortalidade da alma—a alma existindo como algo separado do corpo—não é bíblico. Isso tem a sua origem na filosofia e na tradição pagã e não nos escritores da Bíblia.

Então, podemos levantar algumas questões: Se fosse verdade que na ressurreição o corpo sai do sepulcro para se unir à alma no céu, por que Deus faria isso desse modo? Qual seria o propósito da ressurreição? Por que manter o corpo na sepultura?

Se os justos vão imediatamente para o céu quando morrem, por que Deus não mandaria imediatamente para o céu o ser completo—corpo e alma—ao invés de manter separado o corpo da alma durante séculos? Ainda mais, para quê uma ressurreição? Se a alma vai imediatamente para o céu, por que

a preocupação em trazer os corpos de volta à vida? O fato inegável é que, se o ensinamento popular sobre o céu é verdadeiro, não haveria nenhuma razão lógica para a ressurreição.

Por que existe tanta confusão sobre como harmonizar a ressurreição com o conceito tradicional de céu? Talvez seja simplesmente porque esta ideia de ir para o céu quando se morre não tem apoio na Bíblia.

O Que é o Reino dos Céus?

Muitas pessoas acreditam que vão para o céu porque Jesus falou reiteradamente sobre o Reino dos Céus. Por exemplo, em Mateus 5:3, Ele disse: “Bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o Reino dos Céus”. Outros três versículos do capítulo cinco de Mateus referem-se à entrada dos justos no Reino dos céus e a frase *Reino dos céus* aparece 32 vezes no livro de Mateus.

No entanto, note que, enquanto Mateus é o único escritor bíblico que usa o termo Reino dos Céus, outros escritores da Bíblia usam o termo *Reino de Deus*—que aparece 69 vezes no Novo Testamento. A comparação entre os eventos descritos no Evangelho de Mateus e os de outros escritores do Evangelho mostra que os termos são usados alternadamente.

Por exemplo, Mateus 5:3 registra as palavras de Jesus como: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus”. E Lucas, ao descrever a mesma bênção, registra assim as palavras de Jesus: “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o *Reino de Deus*” (Lucas 6:20).

Da mesma forma, Mateus 19:14 registra Jesus dizendo: “Deixai os pequeninos e não os estorveis de vir a mim, porque dos tais é o *Reino dos céus*”, quando Lucas 18:16 e Marcos 10:14 usam o termo “reino de Deus” ao invés de “reino dos céus”. Você pode ver outros exemplos, comparando Mateus 4:17 e Marcos 1:14-15, Mateus 13:31 e Marcos 4:30-31, e Mateus 19:23 e Lucas 18:24.

Então, por que vemos dois termos diferentes—“reino dos céus” e “reino de Deus”—usados para descrever a mesma coisa?

Para entender, é preciso considerar enormemente a cultura e a prática comum da época de Cristo. Em obediência ao Terceiro Mandamento, que

Se os justos vão imediatamente para o céu quando morrem, por que Deus não mandaria imediatamente para o céu o ser completo—corpo e alma—ao invés de manter separado o corpo da alma durante séculos? Ainda mais, para quê uma ressurreição?

proíbe tomar o nome de Deus em vão (Êxodo 20:7), era comum se evitar o uso rotineiro da palavra “Deus”. Às vezes, as pessoas a substituíam por outra palavra que os outros entendessem como se referindo a Deus.

Muitas vezes, esta parece ter sido a prática de Jesus Cristo também. Por exemplo, pouco antes de Sua crucificação quando Ele é desafiado sob juramento a dizer se era verdadeiramente o Filho de Deus, Ele responde: “Tu o disseste; digo-vos, porém, que vereis em breve o Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (Mateus 26:64). Aqui Ele usou claramente “Todo-poderoso” como um sinônimo para Deus —e isso foi obviamente entendido pelos sacerdotes e autoridades religiosas, que queriam executá-Lo por blasfêmia.

Conforme registrado no Evangelho de Mateus, em cerca de metade das ocasiões em que Jesus se refere a Deus Pai, Ele usa uma palavra substituta. Ao falar do Reino de Deus, que era o núcleo da Sua mensagem (Marcos 1:14-15), Ele quase sempre usa o termo “reino dos céus” em seu lugar. Ele não está falando de um reino que existia no céu para onde iriam os crentes, mas estava usando um termo que era sinônimo de “reino de Deus”, como está claro através de outros escritores do Novo Testamento.

Os outros escritores, que se concentraram mais no público não judeu em seus livros, usam o termo “reino de Deus” para deixar claro o que Jesus queria dizer. Assim, o uso que Cristo faz da expressão “reino dos céus” não significa que o Reino *está* no céu, mas que é de Deus e dEle próprio nos céus. No entanto, ao mesmo tempo o termo também é preciso no sentido de que este Reino será estabelecido a partir *do* céu—quando Jesus o trouxer para a Terra a partir daí, conforme vamos ver.

Os seguidores de Jesus se juntarão a ele na Terra

Jesus não disse aos Seus discípulos que eles devem esperar morar no céu. Em vez disso, Ele falou de um reino no céu pertencente a Deus, que deve ser estabelecido *na Terra* por ocasião da Sua segunda vinda. Observe a explicação de Jesus de que Ele viria se juntar a Seus seguidores *na Terra quando retornasse* ao invés de eles irem viver com Ele no céu, onde reside atualmente.

Depois de Sua crucificação e ressurreição, Jesus passou quarenta dias ensinando Seus discípulos sobre o Reino de Deus (Atos 1:3). Depois disso, Ele se juntou a Seu Pai no céu. Observe a instrução que Seus discípulos receberam depois que Ele subiu ao céu:

“E, quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. E, estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois varões vestidos de branco, os quais lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, *há de vir assim como para o céu o vistes ir*” (Atos 1:9-11).

Jesus fala reiteradamente de Seu retorno para estabelecer o Reino de Deus *na Terra* (Mateus 25:31-34, Lucas 21:27-31). Ele voltará à Terra e estabele-

cerá o Seu Reino *aqui*—e não no céu. Na oração que é comumente chamada de Pai Nosso, Ele instrui Seus seguidores a orar ao Pai celestial, “*venha o teu reino*” (Mateus 6:10, Lucas 11:2). Esse reino é o verdadeiro objetivo de todo cristão (Mateus 6:33) e devemos orar por sua chegada.

Em Lucas 19:12 Jesus fala de Si mesmo em uma parábola, comparando-Se a “um certo nobre [que] partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois”. A “terra remota” é a morada do Pai, que está nos céus. Jesus vai trazer o Reino de Deus para a Terra em Seu retorno. (Para entender melhor o que as Escrituras ensinam sobre o Reino de Deus, não deixe de baixar ou solicitar sua cópia gratuita do nosso livro *O Evangelho do Reino*).

A nossa morada eterna é aqui

Uma profecia do Antigo Testamento é muito específica sobre o retorno de Jesus e nos diz exatamente onde Ele vai chegar quando voltar à Terra para estabelecer o Seu Reino: “E, naquele dia, *estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras*, que está defronte de Jerusalém para o oriente . . . E o SENHOR será rei sobre toda a terra” (Zacarias 14:4, 9).

O relato que lemos no livro de Atos, onde descreve a ascensão de Jesus, nos diz que estavam no Monte das Oliveiras, sendo que Ele falou pela última vez com Seus discípulos, e foi nesse mesmo lugar que Ele subiu e desapareceu entre as nuvens diante de seus olhos. Ele voltará ao mesmo monte para começar Seu reinado no Reino de Deus.

Novamente, lembre-se que em Mateus 5:3 Jesus disse que os pobres de espírito e os mansos herdarão o Reino dos Céus. Então, veja o que Jesus afirma, logo após, no versículo 5,: “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra”. Como conciliar estas declarações? Entendendo que o Reino dos Céus, que é o Reino de Deus, será estabelecido na Terra.

Este versículo e muitos outros descrevem os santos governando *na Terra*, no Reino de Deus. Por exemplo, Apocalipse 5:10, mencionando os santos ressuscitados, diz: “E para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e *eles reinarão sobre a terra*”.

Além disso, até Apocalipse 21 e 22 indicam que, por fim, Deus Pai e Sua cidade celestial, a Nova Jerusalém, descerão para Terra, então renovada. Portanto, a Terra será o lugar do trono de Deus. E a humanidade, arrependida e glorificada, vai morar com Ele para sempre.

No entanto, não estaremos confinados à Terra, mas vamos herdar todo o vasto universo e reino espiritual, como cordeiros com Jesus. Esta verdade surpreendente é explicada em nosso livro gratuito *Qual é o Seu Destino?* Se desejar, solicite ou baixe sua cópia gratuita.

A recompensa dos santos é a vida eterna no Reino de Deus. Este será entregue quando Cristo voltar, mas, como vimos, Jesus vai reinar com seus seguidores fiéis *na Terra* e não no céu. E, no fim, o próprio Deus Pai vai morar *aqui* com os salvos. O futuro glorioso que Deus tem planejado para nós é muito superior a todos os sonhos humanos de viver no céu!

Antiga Crença Pagã Sobre o Paraíso

A ideia de que as “almas” vão para o céu no momento da morte se originou na religião pagã e não na Bíblia. Um breve olhar sobre a história antiga revela que os povos da Babilônia, do Egito e de outros reinos imaginavam a vida após a morte.

De acordo com o livro *Este Mundo Crente* [This Believing World], de Lewis Brown, o deus Egípcio Osíris foi, supostamente, assassinado, ressuscitado e foi levado para o céu: “Osíris voltou à vida; foi miraculosamente ressuscitado da morte e levado para o céu; e aí (no céu), a mitologia declara que ele vive eternamente” (1946, p. 83).

Browne esclarece: “Os Egípcios arrazoavam que se o destino do deus Osíris foi ser ressuscitado depois de morto; então um caminho poderia ser encontrado para que também esse fosse o destino do homem... A felicidade da imortalidade que antes tinha sido reservada somente para os reis, então foi prometida a todos os homens... A celestial existência dos mortos foi transportada ao domínio de Osíris, e isto foi descrito com muitos detalhes pelos teólogos egípcios. Era uma crença que, após a morte, a alma do homem tinha como objetivo chegar ao Salão



Wikimedia Commons

O deus egípcio Osíris foi, supostamente, assassinado, ressuscitado e levado para o céu.

dos Julgamentos, nas alturas... e, aí ficar perante o trono celestial de Osíris, o Juiz. E então prestar as suas contas a Osíris e a seus quarenta e dois deuses associados” (p. 84).

Se ela satisfizer os deuses, “a alma entrará diretamente nos domínios de Osíris. Caso contrário, se ela fosse achada em falta quando pesada nas balanças celestiais, então era lançada em um inferno, para ser cortada em pedaços pela ‘Devoradora’. Apenas as almas justas, somente as inocentes, eram dignas de receber a vida eterna” (pp. 86 e 87).

Essa ideia de os homens serem capazes de seguir o seu deus salvador no céu era o foco central das antigas religiões misteriosas. Browne continua: “A humanidade, em toda parte, no México e Islândia, na África e China, realiza mais ou menos as mesmas adivinhações em um esforço frenético na tentativa de resolver o enigma da existência...”

“Em tempos muito antigos, esta ideia estendeu-se não só entre

os babilônios e egípcios, mas, também entre as tribos bárbaras na área da Grécia... Estes mistérios vieram da Trácia, ou do outro lado do mar, do Egito e Ásia Menor... Eles declaram que todo o homem, não importando se for pobre ou cruel, tem um lugar no céu. E tudo o que tem de fazer é ser ‘iniciado’ nos segredos do culto... então a salvação lhe estava assegurada, e nenhum excesso de perversão e imoralidade poderia lhe fechar as portas do paraíso. Pois, estava salvo para sempre” (pp. 96-99).

A aspiração mais remota do homem é viver sem ter que morrer. Este mundo e tudo quanto tem para oferecer nunca satisfaz a humanidade. Por séculos a humanidade tem buscado incessantemente a segurança e a felicidade na esperança de ir para o céu quando morresse. Lamentavelmente, nesta ânsia, muitos têm abraçado crenças que não podem provar que sejam verdadeiras.

Apenas Deus sabe as respostas para os mistérios da vida e da morte, e Ele as revela em Sua Palavra, a Bíblia Sagrada. Ao contrário do que muitos pensam, Deus não promete a eternidade no céu como a recompensa dos salvos. Em vez disso, Jesus diz que aquele que vencer reinará com Ele no Reino de Deus, o qual será estabelecido na Terra no Seu retorno (Apocalipse 3:21, 5:10, 11:15). Em última análise, eles vão herdar todo o universo e o reino espiritual, como coerdeiros com Cristo (comparar Romanos 8:17, Hebreus 1:1-2, 2:5-11, Apocalipse 21:7).

O Desejo de Paulo de “Partir e Estar com Cristo”

O apóstolo Paulo dedicou sua vida à pregação do Evangelho do Reino de Deus (Atos 14:22; 19:8; 20:25; 28:23, 31). Nesse processo, ele foi sujeito a perseguições, espancamentos e prisões em muitas ocasiões. Quando escreveu a sua carta aos Filipenses, ele estava em Roma em prisão domiciliar. Paulo sabia que as autoridades romanas tinham o poder para matar os prisioneiros. Paulo não podia ignorar o que o futuro lhe reservava, pois poderia ser executado ou libertado.

Em Filipenses 1:23-24, ele escreve sobre as duas possibilidades: “Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor. Mas julgo mais necessário, por amor de vós, ficar na carne”.

Muitos deduzem que, segundo estas palavras, Paulo acreditava que no momento da sua morte, sua consciência deixaria seu corpo para se juntar a Cristo no céu. Mas é isso mesmo que ele está dizendo?

Antes de nos concentrar no que esta escritura diz, vamos enten-

der o que ela *não* diz. Ela *não* diz *quando* ou *onde* Paulo estaria com Cristo, quando partisse. Nem a terminologia de partida tem conotação geográfica—como deixar a terra para ir ao céu. Não há nenhuma referência ao céu nesses versículos. Concluir o contrário seria ler pressupondo as palavras de Paulo. Ele simplesmente se refere a partir de sua vida física presente—deixando-a para trás por meio da morte.

Aqui, ao escrever aos Filipenses, Paulo se encontrava entre dois desejos. Ele queria se desfazer de sua vida carnal e estar com Cristo, mas também queria permanecer com o povo de Deus.

Em sua segunda carta a Timóteo, Paulo fala dogmaticamente do que vem pela frente, sabendo que o fim de sua vida física está próximo e ele está pronto para partir: “Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará *naquele Dia*; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda” (2 Timóteo 4:6-8).

Então, Paulo entendeu que não estava para receber sua recompensa *imediatamente após a morte*. Ele sabia que, se executado, iria para a sepultura, e os seus restos mortais ainda estão lá, esperando o momento de sua ressurreição. Ele entendeu que os mortos não têm nenhum pensamento e que ele se levantaria no dia que o Messias, Jesus, retornar e que O acompanhará para se juntar aos outros santos no momento da ressurreição.

Conforme escreveu a Timóteo, ele sabia que uma coroa de justiça estava guardada para ele e que seria dada “*naquele Dia*” *do retorno de Cristo*—a segunda vinda de Jesus. Como Paulo observou, Jesus vai trazer a recompensa dele. Paulo vai recebê-la *naquele tempo*, e não antes, junto com todos os outros que serão ressuscitados na volta de Cristo.

Ao descrever esta ressurreição, Paulo explica que a igreja em Corinto: “Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós sere-mos transformados” (1 Coríntios 15:51-52). Paulo sabia que ele iria receber a sua recompensa—sua “transformação”—na vinda de Cristo. Antes de tudo, ele também sabia que a morte significava “dormir”, um estado de inconsciência, até a ressurreição.

O tempo desde a morte de Paulo até a sua ressurreição, ao mesmo tempo em que todos os seguidores de Cristo vão levantar com ele, vai parecer a ele como um momento. Ele vai estar com Cristo, como Filho de Deus glorificado no momento seguinte de sua consciência. Não é de admirar que Paulo, cansado de sofrer nesta vida, desejasse partir e estar com Cristo!

Enoque Foi Levado Para o Céu?

Algumas pessoas acreditam que Gênesis 5:24 e Hebreus 11:5 declaram que Deus levou Enoque para o céu. Mas realmente é isso que dizem essas passagens?

Gênesis 5:24 nos diz: “E andou Enoque com Deus; e não se viu mais, porquanto Deus para si o tomou”. E Hebreus 11:5 acrescenta: “Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte e não foi achado, porque Deus o trasladara, visto como, antes da sua trasladação, alcançou testemunho de que agradara a Deus”.

Alguns chegam à conclusão errônea de que Enoque foi levado para o céu, mas observe que a Bíblia em nenhum lugar diz isso. Ele simplesmente diz que Deus “o tomou”. Ela não especifica para *onde* ele foi levado.

Mais tarde, Jesus Cristo afirma no Evangelho de João que “a Escritura não pode ser anulada” (João 10:35). Seu ponto aqui é que uma passagem da Bíblia não pode contradizer outra.

Este mesmo Evangelho de João revela um fato surpreendente, que é muito pertinente a este assunto: “Ora, *ninguém* subiu ao céu, *senão o que desceu do céu, o Filho do Homem*, que está no céu” (João 3:13).

Claramente, Jesus Cristo é o único ser humano que subiu ao céu. A frase “que está no céu” nos permite saber que isso foi escrito pelo apóstolo João, após o retorno de Cristo ao céu. Assim, diante desta declaração explícita, nenhum ser humano—e isso inclui Enoque—tinha subido ao céu.

Posteriormente, podemos ler sobre o destino de Enoque em Hebreus 11:5: “Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte e *não foi achado*, porque Deus o trasladara, visto como, antes da sua trasladação, alcançou testemunho de que agradara a Deus”. A palavra traduzida como “trasladara” também pode significar “transferido para outro lugar”. E a Bíblia diz que isso foi feito para ele “*não ver a morte*”—mas note que sabemos, pelo mesmo capítulo de Hebreus, que ele morreu.

Observe o que diz o versículo 13, onde se faz o resumo de todos os homens e mulheres de fé, incluindo Enoque: “*Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas*, mas, vendo-as de longe, e crendo nelas, e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra” (Hebreus 11:13). Então Enoque definitivamente morreu, assim como todos os outros.

Então, como Enoque pôde ser transferido a outro lugar para não ver a morte? Deus não nos dá todos os detalhes do que aconteceu, mas alguns cenários foram propostos e nenhum entra em conflito com o fato de que Enoque morreu, como diz a Bíblia.

Pode ser que Deus tenha transportado Enoque para outro lugar para preservá-lo de ser morto em um determinado momento—

talvez o protegendo do martírio nas mãos de perseguidores furiosos que não gostavam de sua pregação da vinda do julgamento divino (ver Judas 14-16). Deus também transportou sobrenaturalmente Elias e Filipe para outros lugares na Terra (ver 2 Reis 2:11, Atos 8:39).

Por outro lado, devemos observar que Enoque morreu jovem—com 365 anos, enquanto os outros antes e depois dele viviam entre oitocentos e novecentos anos. Devido a isso, alguns especulam que Deus o “tomou” da vida prematuramente a fim de que ele não tivesse de viver o restante de seus dias em um mundo miserável (comparar Isaías 57:1-2). Seu próximo momento de consciência será na ressurreição. Neste caso, a frase “para não ver a morte” se refere a não ter que vivenciar o processo de morrer—terminando sua vida instantaneamente.

Além disso, alguns concluíram, levando em consideração a probabilidade de Enoque ter enfrentado perseguição, juntamente com sua morte precoce, que ele foi assassinado—martirizado pela sua pregação. O fato de Enoque ter sido levado e não ser encontrado, então, pode se referir a Deus removendo e enterrando seu corpo—como fez com Moisés (Deuteronômio 34:5-6).

Neste caso, Enoque sendo tomado ou transferido para que não visse a morte é visto como um assunto separado—que ele foi espiritualmente convertido e transferido dos caminhos do mundo para o caminho de vida de Deus, para que não visse a morte final no lago de fogo (comparar Colossenses 1:13, João 8:51).

Repetimos mais uma vez, não temos detalhes suficientes para saber exatamente o que aconteceu. Mas sabemos que Enoque não escapou da morte e foi para o céu. Ele morreu, e nenhum ser humano subiu ao céu, senão Jesus Cristo.

Existem Seres Humanos Salvos no Céu?

Em Apocalipse 19:1, ao retransmitir uma visão espiritual que ele experimentou, o apóstolo João diz: “E, depois destas coisas, ouvi no céu como que uma grande voz de uma grande multidão, que dizia: Aleluia! Salvação, e glória, e honra, e poder pertencem ao Senhor, nosso Deus!”.

Quem é a grande multidão? As vozes dos que glorificam a Deus são de seres humanos salvos, que agora vivem no céu?

Alguma vez algum ser humano subiu ao céu? A crença popular diz que quando os cristãos morrem eles vão imediatamente para o céu, onde passam a morar para sempre. Mas, podemos encontrar tal ensinamento na Bíblia?

Para entender a verdade sobre qualquer ensinamento bíblico, devemos analisar *todas* as passagens sobre o assunto. Então, quando fazemos isso, geralmente a verdade se torna clara. Em primeiro lugar, devemos analisar as narrativas e passagens bíblicas que são claras, e a partir delas compreender o significado daquelas que são menos claras.

Observe uma afirmação direta em João 3:13: “Ora, *ninguém subiu ao céu*, senão o que desceu do céu, o Filho do Homem [Jesus Cristo], que está no céu”.

João escreveu estas palavras algumas décadas depois de Jesus ter morrido e subido ao céu—e muito tempo depois de muitos seguidores de Cristo terem morrido—ainda assim ele afirmou que *ninguém tinha ido para o céu senão Jesus*.

Então de quem eram as vozes que João ouviu, quando ele descreveu no livro de Apocalipse o que ouviu e viu? João refere-se às vozes em muitas passagens deste livro. Vejamos particularmente um exemplo:

“E olhei e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhões

de milhões e milhares de milhares, que com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças” (Apocalipse 5:11-12). Portanto, existem, pelo menos, centenas de milhões de anjos, e as vozes em Apocalipse 19 poderia muito bem ser a deles.

Além disso, devemos lembrar que João, no livro de Apocalipse, estava recebendo uma visão do futuro—a qual em Apocalipse 19 é a respeito de eventos no tempo do retorno de Cristo e da ressurreição dos Seus seguidores. Mesmo que se no versículo 1 ele estivesse se referindo a seres humanos salvos que aparecem brevemente louvando a Deus no céu naquele tempo (logo após a ressurreição deles), isso não significa que eles estão fazendo isso hoje mesmo.

Na verdade, aqueles que morreram, ainda estão mortos e na sepultura—inconscientes e incapazes de louvar a Deus (Salmo 6:5; 30:9, Isaías 38:18). As Escrituras, como vimos, mostram que nenhum ser humano já entrou no céu, senão Jesus Cristo, que permanece até hoje lá. As vozes a que se refere Apocalipse 19, portanto, não podem ser de seres humanos salvos no céu atualmente.

Alguma vez algum ser humano subiu ao céu? A crença popular diz que quando os cristãos morrem eles vão imediatamente para o céu, onde passam a morar para sempre. Mas, podemos encontrar tal ensinamento na Bíblia?

O Ladrão na Cruz

Quando Jesus estava pendurado na cruz e prestes a morrer, disse para um criminoso confesso que estava sendo crucificado com Ele, “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (Lucas 23:43). A Bíblia de Jerusalém, traduz da seguinte maneira essa passagem: “Ele respondeu: Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso”. Muitas pessoas pensam que Jesus garantiu àquele homem que ele iria para o céu com Ele, naquele mesmo dia. Mas, foi realmente isso que Jesus disse?

A colocação da vírgula depois de “digo” e antes de “hoje” certamente parece indicar isso. No entanto, observe como um significado completamente diferente é transmitido se a vírgula é colocada depois de “hoje” e não antes: “Em verdade, eu te digo hoje, estarás comigo no Paraíso.”

Os textos originais da Bíblia não usam pontuação

Primeiro, precisamos entender que os textos originais da Bíblia (do grego para o Novo Testamento e hebraico e aramaico para o Antigo Testamento) não usam nenhuma pontuação.

Como o Dr. E.W. Bullinger explica no apêndice *A Bíblia Companheira* [The Companion Bible]: “Nenhuma de nossas marcas modernas de pontuação aparecem [nos textos bíblicos] até o século IX . . . A pontuação de todas as edições modernas do texto grego, e de todas as versões feitas a partir dele, repousa inteiramente na *autoridade humana*, e não tem qualquer peso para determinar ou até mesmo influenciar a interpretação de uma única passagem” (1990, Anexo 94, p. 136, grifos do autor).

Na maioria dos casos, os tradutores e os editores da Bíblia têm feito um trabalho admirável usando a pontuação para esclarecer o sentido das Escrituras. Mas este é um caso em que o seu viés doutrinário tem, lamentavelmente, obscurecido o significado das palavras de Cristo. Ao colocar uma vírgula *antes* do “hoje” na declaração de Cristo ao moribundo, em vez de *depois*, eles têm feito Jesus dizer algo que Ele nunca teve a intenção.

Sabemos disso porque a Bíblia diz claramente que o próprio Jesus não foi para o paraíso ou o céu no dia em que morreu! Em vez disso, Ele *morreu e foi colocado na sepultura*. Observe a declaração do apóstolo Paulo em 1 Coríntios 15:3-4: “Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que *Cristo morreu por nossos pecados*, segundo as Escrituras, e que *foi sepultado*, e que *ressuscitou ao terceiro dia*, segundo as Escrituras”.

Observe o que Cristo disse a Maria logo depois de ter sido ressuscitado: “Não me detenhas, porque *ainda não subi para Meu Pai*” (João 20:17). Um total de três dias depois de Sua morte, o próprio Jesus disse claramente que ainda não havia subido ao céu.

De maneira clara, Jesus já havia dito que estaria no túmulo por três dias e três noites (Mateus 12:40). As Escrituras não dizem que Seu corpo ficou enterrado enquanto Sua alma foi para outro lugar. Jesus morreu e foi sepultado. Ele apenas foi para o túmulo. Portanto, ao morrer, o criminoso não poderia ter ido com Jesus para o céu naquele dia, porque *o próprio Jesus não foi para lá nessa ocasião*.

Se Jesus não estava dizendo àquele homem que ele estaria no céu ou no paraíso naquele dia, então o que Ele estava lhe dizendo?

O Reino Futuro e paraíso na Terra

Um princípio fundamental para o correto estudo da Bíblia é verificar cuidadosamente o contexto. Observe o texto específico do pedido do homem: “Jesus, lembra-te de mim *quando vieres no Teu reino*” (Lucas 23:42, ARA). Observe que o ladrão não expressou nenhuma expectativa de imediatamente ir para o céu com Jesus no momento em que morresse.

É possível que ele já soubesse algo sobre a natureza do Reino de Deus—que seria um reino literal a ser estabelecido na Terra, pelo Messias, que muitos judeus daquela época compreendiam. O próprio Jesus tinha dado anteriormente uma parábola inteira sobre isso porque “o povo pensava que o Reino de Deus ia se manifestar de imediato” (Lucas 19:11, NVI). Jesus também ensinou a Seus discípulos a orarem assim: “Venha o teu reino” (Lucas 11:2). Este Reino, como explicado em nosso livro gratuito *O Evangelho do Reino de Deus*, é o Reino que Jesus vai estabelecer na Terra quando voltar e não um lugar no céu para irmos quando morremos.

Observe também a resposta de Jesus ao homem, ao dizer: “. . . estarás comigo *no Paraíso*”. Compreender a natureza do uso bíblico da palavra *paraíso* é crucial para entender essa passagem.

Aqui, a palavra grega traduzida como “paraíso”, *paradeisos*, significa um jardim fechado ou parque. Na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, que era de uso comum na época de Cristo, esta mesma palavra foi usada em referência ao Jardim do Éden. Além de sua ocorrência em Lucas 23, a palavra é usada apenas duas outras vezes no Novo Testamento. Em ambos os casos, refere-se ao lugar da presença de Deus.

Em 2 Coríntios 12:2-4, Paulo descreve uma visão na qual ele “foi arrebatado ao paraíso”. Paulo diz que este paraíso estava no “terceiro céu”—a morada de Deus.

Jesus nos diz que “a árvore da vida” está localizada “no meio do paraíso de Deus” (Apocalipse 2:7). A passagem de Apocalipse 22:2 explica que a árvore da vida estaria na Nova Jerusalém. Deus virá *do céu* com esta nova Jerusalém (Apocalipse 21:2-3), após as ressurreições dos mortos, que se menciona em Apocalipse 20. Somente nesse momento é que os homens habitarão com Deus neste paraíso.

Além disso, a restauração da terra de Israel, que se realizará sob o futuro reinado de Cristo, é comparada, em Isaías 51:3, ao Jardim do Éden—novamente, *paradeisos* na Septuaginta.

Juntando todas estas escrituras, podemos ver que o paraíso mencionado por Cristo, onde os homens vão habitar com Deus em Seu Reino, será trazido em um *tempo futuro*.

Como sabemos que isso era o que Cristo queria dizer? Uma vez mais, como mencionado acima, Jesus disse claramente que estaria morto e sepultado pelos próximos três dias e três noites, e depois Ele disse abertamente a Maria que ainda não tinha subido ao céu.

Alguns teólogos e denominações religiosas tentam redefinir o uso do *paraíso* de Cristo ao dizer que este se referia ao local onde os mortos justos foram antes de Jesus—uma espécie de “lugar de espera” temporária, perto do inferno porque o céu ainda não estava disponível para eles, até que Cristo subisse ao céu, depois de Sua morte, e abrisse o caminho para que eles O seguissem.

Este conceito, no entanto, é semelhante à mitologia grega pagã sobre a vida após a morte (chamado Campos Elísios, o setor do submundo grego para as pessoas boas) e não algo ensinado na Bíblia. A ideia de que os mortos justos da época do Antigo Testamento tenham ido para um lugar chamado “paraíso” e depois subido ao céu, após Jesus ter sido ressuscitado, é refutada pelas explícitas declarações do apóstolo Pedro em Atos 2:29 e 34—quase dois meses depois da morte e ressurreição de Cristo—de que o rei Davi “morreu e foi sepultado” e que “Davi *não subiu* aos céus”.

Ao reunirmos as escrituras relevantes, aqui podemos ver a verdade sobre o assunto. O ladrão, diante da morte iminente, ao ser crucificado ao lado de Jesus (Lucas 23:39-41), buscou conforto e segurança. Então, Jesus disse ao homem: “Em verdade vos digo hoje, estarás Comigo no paraíso”. O “paraíso” de que Jesus falou não era o céu, mas um mundo como um Éden, para onde o homem seria ressuscitado de acordo com o plano de Deus—como explicado na parte final deste livro.

A perda do idioma hebraico na tradução

Parte de sua resposta, “Em verdade vos digo hoje”, era uma “expressão idiomática hebraica comum na época . . . que era constantemente usada para enfatizar algo muito solene” (*A Bíblia Companheira* [The Bible Companion], Apêndice 173, p. 192). Exemplos desta frase em hebraico, formulada de forma muito semelhante à declaração de Cristo, podem ser encontrados em Deuteronômio 30:18 (“eu te denuncio, hoje, que, certamente, perecerás”) e Atos 20:26 (“Portanto, no dia de hoje, vos protesto que estou limpo do sangue de todos”).

Muitos séculos depois, quando os sinais de pontuação que vemos

em nossas versões em português foram inseridos, o significado do que Jesus disse foi distorcido pela colocação errada da vírgula, e esta figura hebraica do discurso ficou obscurecida. Várias outras traduções da Bíblia e obras de referência, entre elas a tradução de Rotherham, o Diaglotão Enfático (*The Emphatic Diaglott*), O Novo Testamento Concordante Literal e O *Léxico Crítico e Concordância do Novo Testamento em Inglês e Grego*, reconhecem o idioma hebraico e colocam corretamente a vírgula depois da palavra “hoje” para se pontuar corretamente. A Tradução Trinitariana, em português, editada em 1883, pela “Trinitarian Bible Society” de Londres, traduz a mesma passagem: “Na verdade te digo hoje, que serás comigo no Paraíso”.

Em conclusão, Jesus nunca disse nem insinuou que o ladrão na cruz iria para o paraíso ou para o céu naquele mesmo dia. Cristo estava encorajando-o lhe assegurando solenemente que viria um tempo, no futuro, no Reino de Deus na Terra, quando ele seria ressuscitado e veria a Jesus novamente.

Este acontecimento dramático só pode ser adequadamente entendido quando compreendemos o tempo do plano de salvação de Deus e as ressurreições prometidas, que estão descritas na Bíblia. Tudo isso será trado com mais detalhes no próximo capítulo deste livro.

Elias Foi Para o Céu?

Um evento bíblico muito citado para, supostamente, apoiar a crença de que os justos vão para o céu quando morrem, diz respeito ao profeta Elias. Ele foi um profeta de Deus no século nono a.C. A Bíblia declara que “Elias subiu ao céu num redemoinho” (2 Reis 2:11). Mas isto contradiz o testemunho de Jesus que declarou, cerca de novecentos anos depois da época de Elias, que “ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do Homem”? (João 3:13).

Como podemos explicar esta aparente discrepância bíblica? Ao analisarmos mais atentamente podemos perceber que as duas passagens podem facilmente ser reconciliadas.

Um estudo cuidadoso mostra que a Bíblia menciona a existência de três “céus”. Um deles é a morada de Deus—o lugar do Seu trono—e o céu, onde Jesus ressuscitado está hoje em dia. Ao falar de Cristo, como nosso Sumo Sacerdote, a Bíblia diz: “Temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da Majestade” (Hebreus 8:1). O céu é especificamente chamado de morada de Deus (Deuteronômio 26:15). O apóstolo Paulo chama esse céu de “terceiro céu” (2 Coríntios 12:2)—demonstrando, como observado, que há dois outros. Este é descrito como o “terceiro”

porque, estando no reino espiritual, está além dos outros dois, que estão no reino físico.

Outro céu, mencionado na Bíblia, é o que nós chamamos de espaço. Onde dominam a lua, os planetas, os cometas, os asteroides, o sol e as estrelas. Davi falou desse espaço quando, refletindo sobre as maravilhosas obras criadas pelas mãos de Deus, disse: “Teus céus, obra dos Teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste” (Salmo 8:3). Muitas Escrituras mencionam “as estrelas dos céus” (Gênesis 26:4; Deuteronômio 1:10; 28:62; Isaías 13:10).

E ainda há outro céu, mais perto de nós, que é a capa de ar que envolve nosso planeta, constituído de oxigênio e outros gases. Este céu—a atmosfera terrestre—é mencionado em passagens como Gênesis 7:11-12, que descreve o grande dilúvio dos dias de Noé: “E as janelas dos céus se abriram, e houve chuva sobre a terra quarenta dias e quarenta noites”. A Bíblia também fala das “aves dos céus” que voam acima de nossas cabeças (Jó 35:11; Jeremias 16:4).

Para determinar a que céu se refere uma passagem bíblica, precisamos considerar o contexto. Depois de um exame cuidadoso, concluiu-se que se enquadra neste terceiro tipo mais baixo de céu—a atmosfera da terra—aquele ao qual Elias foi tomado. Observe-mos a prova.

Deus já havia dito que Elias iria ungir um homem chamado Eliseu como profeta para sucedê-lo (1 Reis 19:16). Mais tarde, quando os dois homens caminhavam juntos, Elias disse a Eliseu: “O que queres que te faça, antes que seja tomado de ti?” (2 Reis 2:9). Isso levou a uma conversa sobre os dons de Deus que permitiria a Eliseu exercer a função de Elias.

“E sucedeu que, indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho” (versículo 11). Elias havia ido embora. Os antigos seguidores e discípulos de Elias agora viam a Eliseu como seu novo líder. “Vendo-o, pois, os filhos dos profetas que estavam defronte em Jericó, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu. E vieram-lhe ao encontro e se prostraram diante dele em terra” (2 Reis 2:15).

Muitos estudantes da Bíblia e outros leitores supõem que, nesta altura, Elias foi tornado imortal e levado para o céu onde mora Deus. Porém, não foi isso que aconteceu. Os filhos dos profetas (os discípulos) entenderam doutro modo. Eles sabiam que o redemoinho apenas havia removido Elias, seu mestre, para outro local na terra; e disseram a Eliseu: “E disseram-lhe: Eis que, com teus servos, há cinquenta homens valentes; ora, deixa-os ir para buscar teu senhor; pode ser que o elevasse o Espírito do SENHOR e o lançasse em algum dos montes ou em algum dos vales” (2 Reis 2:16).

Os discípulos estavam preocupados com a segurança de Elias, e mandaram um grupo de cinquenta homens para procurá-lo. Este

grupo de homens procurou-o por três dias, mas não o encontrou (2 Reis 2:17).

Outra passagem prova conclusivamente que Elias não foi levado para viver no céu. A Bíblia registra que Elias escreveu uma carta a Jorão, rei de Judá, muitos anos depois de ter sido removido pelo redemoinho.

Observe a sequência dos acontecimentos registrados na Bíblia: O último registo datado de um ato de Elias ocorreu durante o reinado de Acázias, rei de Israel, quando Elias lhe disse que ele morreria por causa dos seus pecados (2 Reis 1:3, 17). O reinado de Acázias durou apenas um ano, por volta do ano 850 a.C.

A história da remoção de Elias e sua substituição por Eliseu está registrada no próximo capítulo, 2 Reis 2. A história continua com relatos da vida de Eliseu, que inclui um encontro com Josafá, rei de Judá (2 Reis 3:11-14). Vários anos depois, Jorão, filho de Josafá, sucedeu a seu pai no trono de Judá; isto aconteceu cerca de 845 a.C. (2 Reis 8:16).

Jorão provou ser um rei iníquo, que encaminhou a nação de Judá para a rebelião contra os mandamentos de Deus. Decorridos poucos anos de reinado de Jorão, e muitos anos depois da remoção de Elias, o rei Jorão recebeu uma carta de Elias, que o advertia das graves consequências dos seus pecados. Esta carta encontra-se registrada em 2 Crônicas 21:12-15.

Esta carta prova que o profeta Elias continuou vivo, em algum lugar na terra, vários anos depois de ter sido levado pelo redemoinho e substituído por Eliseu. Deus escolheu Eliseu para sucedê-lo como Seu profeta, e assim removeu fisicamente Elias para outro lugar, onde ele continuou a viver pelo menos mais alguns anos—assim como demonstra a sua carta a Jorão.

A Bíblia não nos informa mais nada sobre Elias depois de ele escrever aquela carta. Sem dúvida, ele acabou morrendo, assim como todos os outros profetas e justos do Antigo Testamento, que morreram na fé, e ainda não receberam a vida eterna prometida por Deus (Hebreus 11:39).

Mais uma vez, uma leitura cuidadosa das Escrituras mostra que a remoção milagrosa de Elias por uma carruagem de fogo foi uma maneira de transportá-lo para outro lugar da Terra e não para uma vida eterna no céu.

Três “céus” são mencionados na Bíblia. Um é a morada de Deus, o lugar do Seu trono, onde Jesus ressuscitado está hoje em dia. Os outros céus são o que nós chamamos de espaço e a atmosfera terrestre.

Ressurreição: A Promessa de Deus de Vida Após a Morte

“Morrendo o homem, porventura, tornará a viver?” (Jó 14:14). Esta pergunta tem intrigado as mentes dos homens desde a antiguidade até nossos dias.

Na Bíblia, Deus inspirou o patriarca Jó não apenas a postular esta importante questão, mas também a nos dar a resposta. Respondendo a Deus, Jó diz: “Todos os dias de meu combate esperaria, até que viesse a minha mudança. Chamar-me-ias, e eu te responderia; afeiçoa-te à obra de tuas mãos” (Jó 14:14-15). Jó afirmou que os mortos *viverão* novamente através de uma ressurreição.

Outras passagens do Antigo Testamento também confirmam a ressurreição. Daniel 12:2, por exemplo, profetiza sobre um tempo futuro, quando “muitos dos que *dormem no pó da terra ressuscitarão*”.

Todavia, o caminho para a vida eterna não foi suficientemente entendido naqueles dias. Somente mais tarde, Jesus viria para revelar completa e claramente a verdade. Ele disse: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá” (João 11:25). Somente através de Cristo é que podemos experimentar a nossa própria ressurreição dentre os mortos, como atesta Paulo: “Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo” (1 Coríntios 15:22).

Vamos aprofundar ainda mais nesse assunto da ressurreição. Qual é o impacto desse ensinamento? Além disso, quem será ressuscitado e quando ocorrerá?

Mais que um vislumbre de esperança

O ensinamento da boa nova da ressurreição—que o homem pode escapar do poder da sepultura—vinculou a separação do cristianismo de outras religiões e filosofias do primeiro século. Entre algumas correntes de pensamento judaico daquele tempo, o conceito de ressurreição constituía um tema controverso. Alguns negavam dogmaticamente que os mortos pudessem voltar a viver e outros aceitavam a ressurreição (Atos 23: 8).

O mundo em que Jesus viveu, além de ser judaico, era profundamente influenciado pela cultura de dois impérios—o grego e o romano—que dominaram sucessivamente a região por vários séculos. As religiões grega e romana ofereciam pouca esperança para depois da morte.

“A velha crença grega e sua contraparte romana afirmava que o corpo uma vez morto, sua alma se libertaria dele para viver uma existência miserável e obscura . . . A tristeza, o silêncio e o desespero pairavam sobre uma

vida depois da morte . . . Para o homem daquela época, a morte era um último desastre” (J.B. Phillips, *O Som da Verdade: O Testemunho de um Tradutor* [Ring of Truth: A Translator’s Testimony], 1967, pp. 40-41).

O *Novo Dicionário Bíblico* [New Bible Dictionary] refere-se à visão sombria daquele dia e afirma que a ressurreição que Cristo deu ao homem é mais do que um pouco de esperança. “A característica mais surpreendente da primeira pregação cristã é sua ênfase na ressurreição. Os primeiros pregadores tinham certeza de que Cristo havia ressuscitado e, conseqüentemente, não tinham dúvida de que, no tempo certo, os crentes também ressuscitariam. Isto estabelecia a diferença entre eles e os outros mestres do mundo antigo . . . Nada é mais característico do que o pensamento desesperado de ter que enfrentar a morte. A ressurreição, sem sombra de dúvidas, é o fator prioritário e mais importante da fé cristã” (1996, p. 1010, “Ressurreição”).

Uma verdade que deu início à Igreja

A fascinante verdade da ressurreição de Jesus, o Messias, deu início a Igreja do Novo Testamento. O capítulo 2 de Atos registra os acontecimentos do dia da fundação da Igreja, incluindo o discurso eloquente, memorável e histórico do apóstolo Pedro na proclamação da boa nova:

“Varões Israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; a este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos; ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela” (Atos 2:22-24).

A notícia da ressurreição de Jesus de Nazaré espalhou-se como uma onda de choque pela terra. Os discípulos de Jesus, entusiasmados, entraram em ação e começaram a pregar com zelo. Eles eram considerados como um bando de judeus renegados, mas em breve se tornaria numa Igreja próspera.

Durante os seus primeiros dias, a Igreja cresceu, alcançando milhares de membros (Atos 2:41; 4:4). A jovem Igreja semeou a esperança—esperança de vida eterna através da ressurreição. Sob inspiração de Deus, os discípulos ensinaram que todo aquele que aceitar a Jesus como seu salvador pessoal, se arrepender, ser batizado e receber o Espírito Santo, serão ressuscitados (comparar Atos 2:38 e Romanos 8:11).

A ressurreição, que os discípulos aguardavam, não era uma espécie de meia vida, como a que os gregos e romanos criam se prolongar além da sepultura. Os discípulos tinham sido chamados para alcançarem a “receber a vida, a verdadeira vida” (1 Timóteo 6:19, BLH).

Antes de ser crucificado, Jesus tinha-lhes dito: “porque eu vivo, vocês também viverão” (João 14:19, BLH). Jesus também compartilhou com os discípulos o Seu propósito para toda a humanidade, dizendo: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância” (João 10:10). A vida abundante de que Jesus falou, atinge sua realização completa na ressurreição dos mortos.

A Ressurreição dá um significado para a vida

O mundo do primeiro século assistiu a numerosos conflitos de ideias sobre a vida após a morte. As filosofias pagãs provocaram o obscurecimento e a confusão mental na maioria das pessoas.

Hoje em dia, a nossa situação é muito semelhante. No mundo ocidental, um número significativo de pessoas acredita que após a morte nada acontece. O ateísmo e o agnosticismo deixaram as suas marcas. O mundo precisa ouvir e entender a mensagem original de Cristo e dos apóstolos.

Atualmente, muitas pessoas, como no mundo antigo, vivem ansiosas por causa do tema da morte. A verdade da ressurreição como é proclamada na Palavra de Deus pode acabar com essa ansiedade e a falta de esperança, que atinge toda crença ou sistema de pensamento que exclui Deus.

Ao explicar sobre o retorno de Cristo e a ressurreição dos crentes fiéis, Paulo encoraja os crentes de todas as épocas a *consolar “uns aos outros com estas palavras”* (1 Tessalonicenses 4:18). A verdadeira esperança da ressurreição providencia o conforto para a nossa ansiedade natural acerca da morte.

A Ressurreição: Fato histórico

Por que devemos acreditar numa ressurreição dos mortos? Precisamos levar a sério a ressurreição porque ela é um *fato* bíblico confirmado historicamente.

Depois da execução e sepultamento, o corpo de Jesus desapareceu, e Seus inimigos, que queriam negar a todo o custo a Sua ressurreição, não encontraram uma maneira de explicar o motivo de o túmulo estar vazio. Além disso, a ressurreição de Jesus foi confirmada por muitas testemunhas—inclusive quinhentas pessoas numa só ocasião (1 Coríntios 15:6). Pedro, falando por todos os apóstolos, proclamou orgulhosamente: “Nós somos *testemunhas* destes fatos”—referindo-se ao fato de que “o Deus de nossos pais *ressuscitou a Jesus*” (Atos 5:30-32, ARA).

Anos mais tarde, Paulo, do mesmo modo, disse, acerca de Jesus, que “Deus O ressuscitou dos mortos. E Ele, por muitos dias, foi visto pelos que subiram com Ele da Galileia a Jerusalém, e são suas testemunhas para com o povo” (Atos 13:30-31). Os apóstolos e outros membros da Igreja primitiva deram *suas próprias vidas*, sendo martirizados por esta verdade—pois sabiam com certeza que se tratava da pura verdade.

Cada um em sua própria ordem

O fato de Jesus ter sido ressuscitado, como um precursor da futura ressurreição de Seus seguidores, é entendido por muitos leitores da Bíblia. O que não está tão claro para muitos é que a Bíblia descreve *mais de uma ressurreição* no futuro.

Em 1 Coríntios 15, Paulo escreve: “Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as *primícias* dentre aqueles que dormiram . . . Pois da mesma forma como em Adão todos morrem, em Cristo *todos* serão vivifica-

dos. *Mas cada um por sua vez*: Cristo, o primeiro; depois, quando ele vier, os que lhe pertencem. Então virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai” (versículos 20-24, NVI).

A referência de Paulo aos primeiros frutos [primícias] não deixa dúvidas de que outros frutos virão a seguir—Jesus sendo seguido pelos Seus, quando Ele retornar. Paulo explicou que Deus estabeleceu em Seu plano uma ordem pela qual trará cada pessoa de volta à vida por meio de uma ressurreição. Certamente haverá uma ordem, pois todos não serão ressuscitados *ao mesmo tempo*.

Observe aqui que Jesus é chamado de primícias. No entanto, em outras passagens, Seus seguidores também são chamados de primícias—e primogênitos (Tiago 1:18; Apocalipse 14:4; Hebreus 12:23). Assim, Cristo é o primeiro das primícias. A conclusão é que outros ainda vão se seguir como frutos posteriores—“no fim”, como vimos em 1 Coríntios 15:24. E outras escrituras confirmam que é isso que acontecerá.

Aqueles que acreditam que as pessoas vão para o céu ou para o inferno após a morte se sentem incomodados ao verem nas Escrituras que relativamente poucos serão salvos. Geralmente, eles baseiam suas hipóteses em passagens como a de Mateus 7:13-14: “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; E porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem”.

Nestes versículos, Jesus explica o que acontece neste “presente século mau” (Gálatas 1:4), no qual Deus não está chamando todos para serem convertidos *agora*. Lemos em Apocalipse 12:9 sobre o “diabo e Satanás, que engana todo o mundo”. E João também escreveu: “Sabemos que somos de Deus e que o mundo todo está debaixo do poder do Maligno” (1 João 5:19, BLH).

Toda a humanidade está enganada—*por enquanto*. Estejamos atentos para o que Jesus disse: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, o não trouxer; e eu o ressuscitarei no último Dia” (João 6:44). Assim Jesus indicou claramente que apenas algumas pessoas vão ter parte nesta ressurreição—aqueles que são especificamente chamados por Deus. A Bíblia ensina que nesta era particular—o tempo que precede o retorno de Cristo—Deus está chamando apenas uma pequena parte da humanidade para entrar no Seu Reino e participar ativamente nele.

“Esta é a primeira ressurreição”

A futura ressurreição daqueles que são chamados agora, nesta era, é descrita no capítulo 20 de Apocalipse.

Observe como João descreve a ressurreição das primícias: “E vi tronos; e assentaram-se sobre eles aqueles a quem foi dado o poder de julgar. E vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta nem a sua imagem, e não receberam o sinal na testa nem na mão; e *viveram e reinaram com Cristo durante mil*

anos. Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. *Esta é a primeira ressurreição*” (Apocalipse 20:4-5).

“Felizes e santos os que participam da primeira ressurreição! A segunda morte não tem poder sobre eles; serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele durante mil anos” (Apocalipse 20:6, NVI). Observe que alguns são ressuscitados no início do reinado de mil anos de Cristo—na “primeira ressurreição”. Nesta ressurreição, os fiéis serão ressuscitados como imortais e incorruptíveis para reinar com Ele e nunca mais morrerão de novo.

Mas note que o uso do termo “*primeira ressurreição*” demonstra que pelo menos mais uma virá a seguir!

Outra ressurreição a seguir

Sem dúvida, como podemos ver, a mesma passagem explica claramente: “Os *outros* mortos não tornaram a viver até que os mil anos terminaram”. Há outra ressurreição mil anos *depois* da primeira e, nesta ressurreição, os *outros* terão a oportunidade de receber a salvação. Eles serão chamados para entender a verdade de Deus e o Seu plano durante um período que, algumas vezes, é referido como o julgamento do ‘grande trono branco’ (versículo 11).

Este tempo de julgamento está descrito mais detalhadamente no versículo 12: “E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros. E abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras”.

Este grupo ressuscitado diz respeito àqueles que nunca entenderam completamente a verdade de Deus. A grande *maioria das pessoas que já viveram nunca ouviu a verdade de Deus*. Ao invés de condenar tais pessoas ao sofrimento eterno a um inferno de fogo, o Deus da Bíblia vai lhes trazer conforto e ânimo. Ele vai estender a oportunidade da vida eterna a *todos*—de um número relativamente pequeno nesta era a bilhões de seres humanos, na segunda ressurreição.

O julgamento é muito mais que uma decisão final de recompensa ou de condenação. O julgamento é um processo que acontece ao longo de um período de tempo, antes de ser tomada uma decisão final. Aqueles que retornam temporariamente a uma vida física nesta ressurreição (ver Ezequiel 37:1-14) terão, pela *primeira vez*, as suas mentes abertas para a verdade do plano de Deus. Eles vão ter a oportunidade de decidir se aceitam e seguem as instruções de Deus.

Depois de compreenderem a verdade, serão então julgados de acordo com a sua livre e consciente resposta ao seu novo entendimento. Muitos aceitarão a verdade, arrepender-se-ão e receberão a dádiva de Deus da vida eterna—unindo-se aos que foram feitos imortais na primeira ressurreição.

As gerações passadas serão ressuscitadas juntas

Jesus falou desse tempo da segunda ressurreição quando disse que até mesmo os pecadores da cidade de Sodoma, destruída há muito tempo, teriam a oportunidade de se arrependerem em um futuro julgamento. Ele enviou

os Seus discípulos com a missão de pregar o evangelho (Mateus 10:9-14), e disse-lhes que encontrariam algumas pessoas que rejeitariam a Sua mensagem. E acerca destes, Jesus falou: “Em verdade vos digo que, no Dia do Juízo, haverá menos rigor para o país de Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade” (versículo 15).

O fato de que, naquele dia, haverá tolerância para Sodoma e Gomorra, mostra-nos que eles terão oportunidade de se arrependerem e entrar no Reino de Deus. Porque na época em que eles viveram não tiveram a oportunidade de conhecer a Deus e o Seu caminho de vida, ou nunca entenderam suficientemente o que ouviram. O tempo do chamado e do julgamento deles está no *futuro*. Esta não é uma *segunda* oportunidade de salvação, como creem algumas pessoas. Pelo contrário, esta será a *primeira* oportunidade deles—e a única chance de agir com responsabilidade diante do conhecimento da verdade de Deus.

Em outra ocasião semelhante, Jesus disse que as pessoas que tinham falecido há muito tempo, a antiga cidade assíria de Nínive e a “rainha do sul” do tempo de Salomão, se levantariam ao lado daqueles que pertenciam à geração de Cristo (Mateus 12:41-42, Lucas 11:31-32). As pessoas das gerações que viveram e morreram muitos séculos antes, nunca entenderam nada sobre o verdadeiro Deus ou sobre Seu plano para oferecer a vida eterna por meio de Seu Filho Jesus, o Messias.

Por Sua grande misericórdia para com todas as pessoas, Deus vai oferecer a salvação a todos os que viveram e morreram em todas as eras, sem nunca realmente conhecê-Lo. A Bíblia nos diz que Deus não tem favorito (Atos 10:34, Romanos 2:11). Ele chama a todos no momento apropriado para eles e, finalmente, todos terão a mesma maravilhosa oportunidade de receber o Seu dom da salvação.

Evidências de uma terceira ressurreição

Outras escrituras indicam que um terceiro grupo, os ímpios que se recusaram a aceitar Deus e Seu caminho de vida, será ressuscitado antes da destruição final no lago de fogo.

Jesus explicou que algumas pessoas iriam deliberadamente desprezar o conhecimento, o entendimento espiritual e a verdade de Deus. Ele disse que estas pessoas não serão perdoadas “nem neste século nem no futuro” (Mateus 12:31-32).

Contudo, “vem a hora em que *todos* os que estão nos sepulcros ouvirão a Sua voz [de Cristo]” (João 5:28). Até mesmo aqueles que não foram perdoados, serão ressuscitados da morte.

Este grupo incluirá apenas aquelas pessoas que, intencional e obstinadamente, rejeitaram o caminho de vida que Deus lhes ofereceu, mesmo depois de terem sido “iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo” (Hebreus 6:4-6). Trata-se aqui de algumas poucas pessoas que já tinham sido perdoadas e convertidas, mas que depois decidiram rejeitar o Espírito Santo e o inestimável conhecimento dado por Deus.

Porque aqueles “que pisarem o Filho de Deus, e tiverem por profano o sangue da aliança com que foram santificados, e fizerem agravo ao Espírito da graça” para eles resta-lhes “uma certa expectativa horrível de juízo, e ardor de fogo, que há de devorar os adversários” (Hebreus 10:26-29, ACF).

Deus revelou que o destino final do ímpio incorrigível é ser destruído pelo fogo. “O Deus Todo-Poderoso diz: - Está chegando o dia em que todos os orgulhosos e todos os maus serão queimados como a palha é queimada na fogueira. Naquele dia, eles queimarão e serão completamente destruídos” (Malaquias 4:1, BLH).

Este será o fim daqueles poucos que teimosamente se recusaram a arrepender-se de sua rebelião obstinada, apesar de todas as oportunidades dadas por Deus. Eles serão destruídos no lago de fogo, passando pela “segunda morte”, da qual não haverá ressurreição (Apocalipse 20:13-14; 21:8).

Também vemos que a própria morte e o hades (sepultura) serão destruídos neste fogo (Apocalipse 20:14). Isso porque o juízo de Deus será completo. Aqueles que estão salvos nunca mais vão temer a morte. As palavras de Paulo em 1 Coríntios 15:26 se realizarão: “O último inimigo a ser destruído é a morte”.

Seu Maravilhoso Futuro

A luz destas verdades bíblicas, a que conclusões nós chegamos? Como vimos, as crenças das pessoas acerca da natureza do céu e do inferno nos trazem um grande—e confuso—espectro. Mas, existe algo no qual todos deveriam concordar: Todos nós morreremos. “Porque os vivos sabem que hão de morrer” (Eclesiastes 9:5).

A perspectiva da morte tem pairado sobre a cabeça da humanidade desde a sua existência. Quando as pessoas não entendem a verdade de Deus, elas são tomadas pelo medo da morte e escravizadas em um cativeiro cruel e implacável.

O Comentário Bíblico Expositivo [The Expositor's Bible Commentary] resume como a verdade da ressurreição, personificada na ressurreição de Cristo, transformou a maneira de pensar de muitas pessoas: “No primeiro século isto [o medo da morte] era bastante real. Os filósofos recomendavam às pessoas que tivessem calma diante da morte, algumas até conseguiam. Mas para a maioria, tal conselho não trazia alívio. Pelo contrário, o medo aumentava como ilustram claramente as inscrições nas lápides das tumbas. Porém, uma das coisas mais maravilhosas do Evangelho de Cristo é que liberta os homens e as mulheres deste medo . . . Eles são salvos com uma firme esperança de vida eterna, uma vida em que o melhor está além da sepultura” (Leon Morris, 1981, vol. 12, p. 29, nota sobre Hebreus 2:14-15).

A Bíblia revela que o melhor que o homem pode experimentar está além

do túmulo. Ela nos mostra que os cristãos convertidos vão herdar a vida eterna na primeira ressurreição e que a morte nunca mais vai ter poder sobre eles: “E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória” (1 Coríntios 15:54).

A vida que está para vir é muito superior a esta atual existência temporária. Será uma vida abundante em propósito e prazer. “Na tua presença há abundância de alegrias; à tua mão direita há delícias perpetuamente”, escreveu Davi (Salmo 16:11).

Então, vamos ver o que esperam aqueles que recebem a vida eterna através da ressurreição.

Qual será a nossa aparência?

Em termos gerais, podemos saber que aspecto nós teremos na ressurreição porque a Bíblia nos diz que seremos como Jesus ressuscitado. “O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu . . . E, assim como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos também a imagem do celestial” (1 Coríntios 15:47, 49).

Aprendemos que, na ressurreição, vamos ter a mesma imagem ou semelhança que tem Cristo. Isto significa tornar-se um ser imortal com um corpo espiritual, em vez de carne e sangue (versículos 45 e 50).

Além disso, Paulo disse que os verdadeiros cristãos serão “conformes à imagem de seu Filho”, que é “o primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8:29). Você entendeu isso? Seremos irmãos de Jesus e compartilharemos Sua semelhança. Apesar de Cristo existir eternamente, e nós não, no entanto seremos elevados a um plano tão alto que vamos ser *chamados filhos de Deus e irmãos de Jesus Cristo*.

O apóstolo João confirma estas duas verdades—que seremos filhos de Deus e que seremos glorificados exatamente como foi Jesus Cristo. João escreveu: “Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus” (1 João 3:1). E em 1 João 3:2, ele continua: “Mas sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é o veremos”.

Vamos ser ressuscitados em esplendor inimaginável, vamos compartilhar a glória divina e o domínio de Cristo (Romanos 8:16-18; 2 Coríntios 3:18; 2 Tessalonicenses 2:14; Hebreus 1:1-3; 2:5-9; Apocalipse 21:7)—embora nunca seremos igual a Ele. Ele é o Filho de Deus que sempre existiu e é superior a todos, menos ao Pai.

A glória de Cristo

Como é a glória de Cristo? Durante o Seu ministério na terra, Ele deu uma oportunidade a três discípulos de anteverem a sua aparência espiritual glorificada. “E transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz” (Mateus 17:2).

Anos mais tarde, conforme lemos no livro de Apocalipse, João teve uma

visão de Cristo ressuscitado e glorificado. Veja como João descreve esta experiência única: “Os seus cabelos eram brancos como a lã ou como a neve, e os seus olhos eram brilhantes como o fogo. Os seus pés brilhavam como o bronze refinado na fornalha e depois polido, e a sua voz parecia o barulho de uma grande cachoeira . . . O seu rosto brilhava como o sol do meio-dia” (Apocalipse 1:14-16, BLH).

Isto descreve a Cristo, o Filho glorificado de Deus, como um ser de grande resplandecência. Nós, também, compartilharemos desta deslumbrante aparência!

Depois da Sua ressurreição, Jesus tinha a capacidade de assumir a aparência que havia tido quando existiu na carne. Depois de Ele ter se levantado do túmulo, no jardim do Horto, Maria Madalena, visitou a Sua sepultura na madrugada da manhã seguinte. Quando ela viu a sepultura vazia começou a chorar (João 20:11).

Então, “Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei “ (versículo 15). Então, Jesus apareceu a Maria como um ser humano normal, e não em Seu estado radiante. A princípio, ela O confundiu com o jardineiro.

Noutra ocasião Jesus apareceu do nada dentro de uma sala fechada, onde Seus discípulos estavam reunidos. “E, oito dias depois . . . Chegou Jesus, estando as portas fechadas, e apresentou-se no meio, e disse: Paz seja convosco!” (João 20:26). Depois da ressurreição Jesus foi capaz de passar através de barreiras sólidas—como as paredes de um prédio ou a pesada pedra que estava na entrada do Seu sepulcro.

Como Jesus, nós, quando formos transformados em seres espirituais, não estaremos mais limitados pelas leis que governam as coisas físicas. Simplesmente, teremos a capacidade de nos materializar como Jesus fez e não estaremos sujeitos a obstáculos físicos. Como parte desta mudança, nós não teremos a necessidade de comer para sobreviver, no entanto, parece que teremos a opção de comer por simples prazer ou por companheirismo. Em duas das aparições depois da ressurreição, Jesus compartilhou uma refeição com os Seus discípulos (Lucas 24:28-30 e João 21:9-15).

Aqueles a quem Deus der a vida eterna, na ressurreição, terão estas características sobrenaturais para sempre. Veja a descrição da ressurreição no livro de Daniel: “Multidões que dormem no pó da terra acordarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha, para o desprezo eterno. Aqueles que são sábios *reluzirão como o fulgor do céu*, e aqueles que conduzem muitos à justiça serão *como as estrelas, para todo o sempre*” (Daniel 12:2-3, NVI).

Para entender melhor o que tudo isso significa, não deixe de solicitar ou baixar nosso livro gratuito *Qual é o Seu Destino?*

O que vamos fazer como seres espirituais?

Como seres espirituais na família de Deus, viveremos e trabalharemos no mais elevado nível e no melhor ambiente jamais imaginado. Jesus disse:

“E a vida eterna é esta: que conheçam a Ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3). Passaremos a eternidade com Deus em Seu ambiente—no Seu mundo espiritual e de poder inimaginável. Não ficaremos ociosos em nossa nova vida. Estaremos muito ocupados. Jesus disse, “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (João 5: 17).

Quando Cristo voltar para estabelecer o Reino de Deus na Terra, aqueles que fizeram parte da primeira ressurreição, servirão a Deus na qualidade de juízes (Apocalipse 20:4) e sacerdotes (versículo 6) e “reinarão sobre a Terra” (Apocalipse 5:10). Nós não vamos para o céu para viver ociosamente e de braços cruzados.

Jesus retornará a um mundo em grande parte destruído por viver se opondo aos mandamentos do seu Criador. Jesus vai ensinar as pessoas a obedecer às leis de Deus. Nessa altura, Ele iniciará um processo de reeducação em massa para ajudar as pessoas a *desaprender* suas antigas formas de fazer as coisas e, pela primeira vez, aprender a fazer as coisas à maneira de Deus.

Observe a profecia de Isaías sobre esse futuro governo de Jesus, como Messias e Rei sobre a Terra, onde “montes” e “outeiros” são símbolos de reinos ou estados políticos maiores e menores, respectivamente: “E acontecerá, nos últimos dias, que se firmará o monte da Casa do SENHOR no cume dos montes e se exaltará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações. E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do SENHOR, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra do SENHOR.

“E ele exercerá o seu juízo sobre as nações e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças, em foices; não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerrear” (Isaías 2:2-4).

Neste tempo, profetizado por Isaías, Cristo ensinará a todas as pessoas que não conhecem o caminho de Deus. Ele será auxiliado por todos os que forem transformados em glorificados filhos de Deus, na ocasião da primeira ressurreição, quando Ele voltar (Lucas 20:36).



A perspectiva da morte tem pairado sobre a cabeça da humanidade desde a sua existência. Quando as pessoas não entendem a verdade de Deus, elas são tomadas pelo medo da morte e escravizadas em um cativeiro cruel e implacável.

Se entrarmos nessa nova vida, seremos dotados de energia ilimitada. Como membros imortais da família de Deus, seremos como “o Deus eterno, o Criador de toda a terra. Ele não se cansa nem fica exausto” (Isaías 40:28, NVI).

Uma mudança para melhor

Referindo-se ao evento que transformará os nossos corpos mortais, Paulo escreveu: “Um é o esplendor do sol, outro o da lua, e outro o das estrelas; e as estrelas diferem em esplendor umas das outras. Assim será com a ressurreição dos mortos. O corpo que é semeado é perecível e ressuscita *imperecível*; é semeado em desonra e ressuscita *em glória*; é semeado em fraqueza e ressuscita *em poder*; é semeado um corpo natural e ressuscita *um corpo espiritual*” (1 Coríntios 15:41-44, NVI).

Deus nos dará corpos que nunca se cansam nem adoecem—e mentes que terão algumas de Suas habilidades sobrenaturais. Quando reinarmos com Cristo (Apocalipse 2:26; 3:21), também vamos ajudá-Lo a estabelecer a paz mundial. Vamos colaborar na divulgação do conhecimento de Deus e de Seu caminho de vida às terras mais distantes, em um processo de reeducação de dimensão universal. “Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da minha santidade, porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar” (Isaías 11:9).

Aqueles que serão transformados ao retorno de Cristo incluirão todos os Seus fiéis seguidores que estarão vivos perante Seu retorno, bem como os que já estão mortos, que foram chamados, se arrependeram e viveram em obediência fiel a Deus. Também estão inclusos todos os homens e mulheres de fé mencionados em Hebreus 11, os quais “morreram na fé, sem terem recebido as promessas, mas, vendo-as de longe, e crendo nelas, e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra” (versículo 13).

Aqueles que morreram na fé incluem Abraão, Isaque e Jacó (versículos 17-21). A promessa que eles ainda não receberam, é a promessa do Reino de Deus. Como disse Jesus: “Eu vos digo que muitos virão do Oriente e do Ocidente e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no Reino dos céus” (Mateus 8:11). Lembre-se que o Reino dos céus é sinônimo de Reino de Deus, o qual será estabelecido por Cristo na Terra quando Ele voltar.

Respondendo ao convite de Deus

Você pode estar entre aqueles que virão de todas as partes do mundo, na ressurreição, para estar com Cristo no Seu Reino—*se você responder ao convite de Deus*. Deus está fazendo esse chamado através da pregação do evangelho. Este livro que você está lendo faz parte desse esforço.

O chamado de Deus não é oferecido a todo mundo nesta era atual. Jesus disse aos discípulos que o entendimento da verdade de Deus ainda não estava disponível para todos: “Porque a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos céus, mas a eles não lhes é dado” (Mateus 13:11).

Em diversas passagens da Bíblia, vemos referências aos ‘eleitos’ ou povo de Deus. Estes são aqueles que Deus está chamando para entender estas coisas agora, nesta era presente, mas o restante das pessoas—a vastíssima maioria do mundo—só será chamado mais tarde.

Observe que a maior parte de Israel, o povo de Deus mencionado extensivamente no Antigo Testamento, não recebeu o entendimento sobre o Reino de Deus, enquanto vivia. Eles estavam com os corações endurecidos e as mentes cegas. Mas a oportunidade para a maioria deles virá na segunda ressurreição. “O que Israel buscava não o alcançou; mas os eleitos o alcançaram, e os outros foram endurecidos” (Romanos 11:7).

Porém, como Paulo explica no mesmo capítulo, o tempo virá em que “todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades” (versículo 26). O chamado de Deus é realizado de acordo com a Sua vontade. Quando tudo estiver dito e feito o Seu plano é completamente justo para com todas as pessoas.

Pedro esclarece que aqueles que agora se tornam parte da Sua Igreja são os escolhidos nesta presente era para receberem a salvação na primeira ressurreição. A respeito deles, Pedro diz: “Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pedro 2:9).

A boa nova é que Deus, eventualmente, oferecerá a vida eterna a todos os que se arrependerem. Porque ele deseja que todos entrem no Seu Reino. Pois, Ele quer compartilhar esta oportunidade de vida eterna com todos (2 Pedro 3:9).

Deus tem reservado um panorama deslumbrante para todos aqueles que O servem. O apóstolo João foi inspirado a escrever essa visão do futuro no livro de Apocalipse, o último livro da Bíblia: “E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas . . . Quem vencer herdará todas as coisas, e Eu serei seu Deus, e ele será Meu filho” (Apocalipse 21:7).

O futuro que Deus tem planejado para nós é fantástico e chocante! É muito superior ao céu fantasioso da imaginação dos homens. Deus vai compartilhar o verdadeiro futuro com todos aqueles que se arrependam e abandonem os seus pecados. E todos aqueles que obstinadamente se recusem arrepender-se, não irão sofrer para sempre no inferno. Eles simplesmente deixarão de existir. Mas, isto não precisa acontecer com você.

Você pode fazer parte do reino eterno de Deus, se você prestar atenção às palavras que Jesus falou quando começou Seu ministério: “O tempo é chegado . . . O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas” (Marcos 1:15, NVI).

Procure confortar-se na verdade de Deus. Não é preciso temer a morte, se você voltar sua vida em direção a Deus. Afinal de contas, Ele quer que você viva com Ele em contentamento abundante para todo o sempre. E ele pode fazer isso acontecer contigo—se você permitir!

ENDEREÇOS POSTAIS

Estados Unidos da América:

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)

Igreja de Deus Unida
P O Box 541027
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra:

United Church of God
P O Box 705
Watford,
Herts WD19 6FZ
Telefone: +44 (0)20-8386-8467

Brasil:

Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 7
Montes Claros – MG
CEP 39400-970
Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet:

www.revistaboanova.org
www.gnmagazine.org
www.beyondtoday.tv
www.ucg.org
e-mail: info@ucg.org

Autor: Noel Hornor

Contribuidores editoriais: Scott Ashley,

Tom Robinson, John Ross Schroeder

Revisores editoriais: Roger Foster, Roy Holladay,

Paul Kieffer, Burk McNair, Donald Ward

Capa: ilustração fotográfica por Shaun Venish

Tradutor: Giovane Macedo

Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos

Se deseja saber mais....

Quem somos: Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, que tem ministros e congregações em muitas partes do mundo.

Nós encontramos as nossas raízes na Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é a de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus por todo o mundo, como uma testemunha, e de ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Gratuito: Jesus Cristo disse: “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente, como um serviço educacional no interesse público. Nós o convidamos a pedir a sua subscrição gratuita da revista *A Boa Nova* e a inscrever-se no nosso Curso de Ensino Bíblico, de 12 lições, também livre de custos.

Estamos agradecidos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja, e doutros colaboradores, que voluntariamente contribuem para o suporte desta obra. Não solicitamos fundos do público em geral. No entanto, aceitamos de bom grado contribuições em ajuda a compartilharmos esta mensagem de esperança com outros. Todas as receitas são auditadas por uma firma independente de auditoria.

Informação adicional: Visite o nosso “Web site” www.revistaboanova.org para ter conhecimento das publicações correntemente disponíveis em Português, ou para pedir ou “descarregar” qualquer das nossas publicações, incluindo edições da revista *A Boa Nova*, livros e outras. Também pode visitar o nosso portal www.gnmagazine.org para uma lista completa das nossas publicações em Inglês, ou o portal www.beyondtoday.tv para programas de televisão educacionais em Inglês. Se desejar corresponder connosco em Português, por favor envie-nos um e-mail para info@ucg.org ou escreva-nos para um dos endereços atrás em lista.

